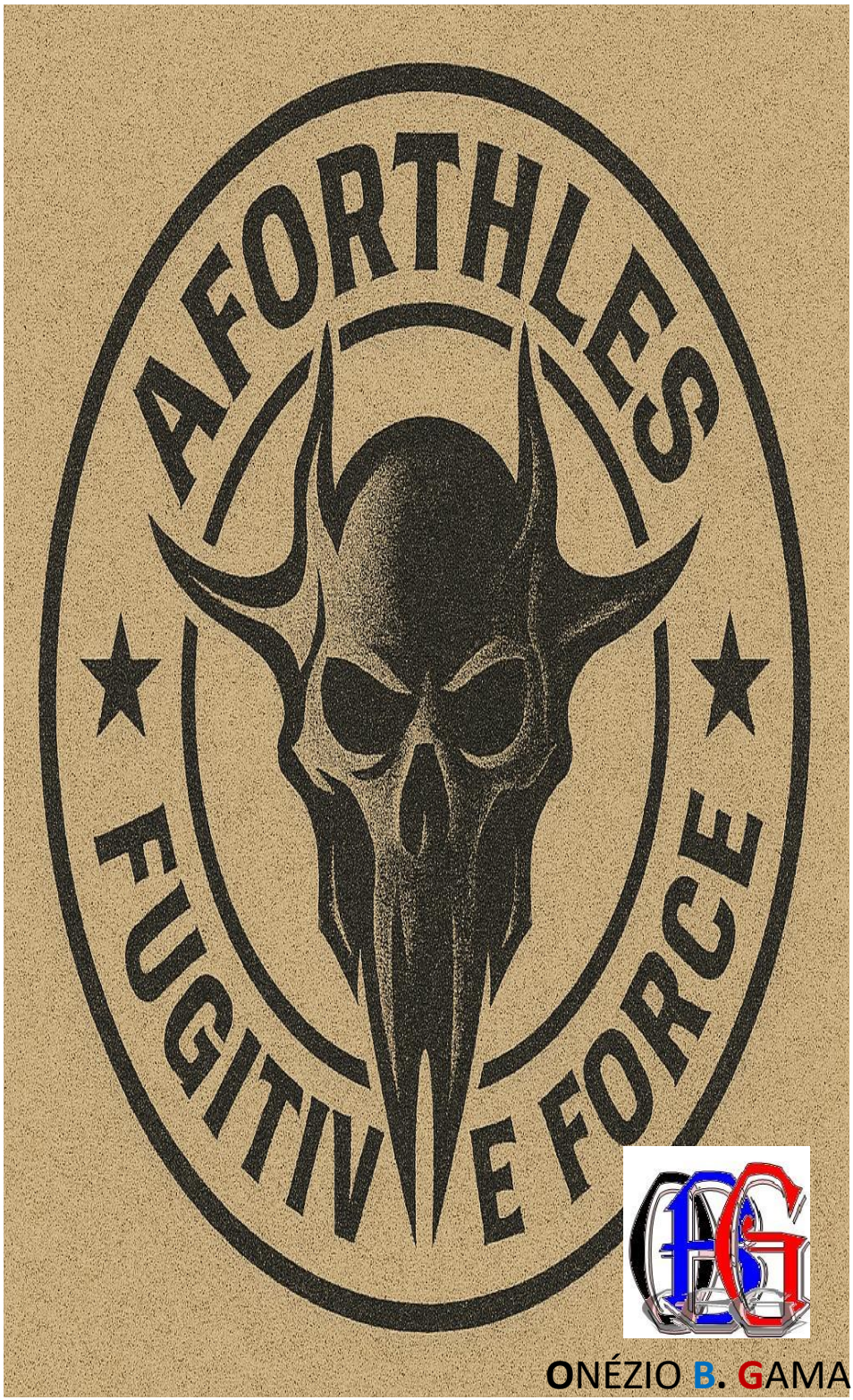
“Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência”

Implicações:

Estes textos apresentam um dossiê confidencial detalhando a criação e os eventos catastróficos relacionados ao gás HELLARCs, uma arma biotecnológica desenvolvida pela corporação clandestina PharmaHAVEs.
O gás, criado para controle populacional através da zumbificação, acidentalmente vazou de uma instalação secreta, contaminando uma cidade rural próxima e seus habitantes.
O dossiê segue a perspectiva de diferentes envolvidos, incluindo os cientistas criadores, Sarau Gawa e Leiko Guesa, e os soldados modificados conhecidos como AFORTLHES, que são enviados para conter a situação e eliminar os sobreviventes mutados, culminando em uma trama de traição, perseguição e a descoberta de uma conspiração para expandir o uso do gás modificado sob o Projeto IRANTE.
O documento também descreve as propriedades fictícias do gás, a injeção Ampola Hz como possível contramedida, e a continuação do projeto apesar do desastre inicial.

Observações Finais:

A natureza confidencial deste dossiê exige extrema cautela na sua manipulação. A informação aqui contida representa uma ameaça direta à segurança global. A busca por justiça e a proteção da humanidade são primordiais.



ONÉZIO B. GAMA

SUMÁRIO

Estrutura do Laboratório Secreto PharmaHAVEs.

Capítulo 1: Ecos do Subsolo pág.: *01*
Capítulo 2: O Nascimento do Caos pág.: *07*
Capítulo 3: Caos pág.: *12*
Capítulo 4: Protocolo REFÚGIO: Início da Resistência pág.: *15*
Capítulo 5: O Legado da Traição – A Voz do Silêncio pág.: *19*
Capítulo 6: "O DORMENTE" pág.: *23*
Capítulo 7: A Cidade Insidiosa pág.: *27*
Capítulo 8: Máscara de Silêncio pág.: *35*
Capítulo 9: Ruído na Máscara pág.: *37*
Capítulo 10: Vozes Queimadas no Escuro pág.: *40*
Capítulo 11: Projeto IRANTE pág.: *44*
Capítulo 12: *"O Último Pulso"* pág.: *46*
Capítulo 13: "A Última Semente" pág.: *48*
Capítulo 14: Silêncio na Estrada Morta pág.: *54*
Gás HELLARCs — Descrição Científica Fictícia
Dossiê classificado- Projeto HELLARCs
Principais Temas e Ideias:
A origem dos AFORTLHES
ACESSO RESTRITO – NÍVEL VERMELHO HAVEs

☣️ Dossiê HELLARCs: O Sopro Silencioso

Em uma tarde morna de outrora, dois homens já maduros cientistas – um japonês, Dr. Leiko Guesa e um americano, Dr. Sarau Gawa – passeavam despreocupados pelo campus universitário. Entre confidências e risos, discutiam seus sonhos de transformar a ciência. Em meio a brincadeiras, Gawa soltou: “Um americano sempre trai um japonês.”

Naquele momento, o comentário soava apenas como uma piada de camaradagem, um código sem significado real. Contudo, como o tempo molda destinos, a leve irreverência acabaria por prenunciar a traição, e aquela frase se tornaria o presságio de um abismo científico e pessoal.

Estrutura do Laboratório Secreto PharmaHAVEs.

Escondido no coração de uma cidadezinha isolada, perdida no interior e esquecida pelos mapas oficiais, o **Laboratório Secreto PharmaHAVEs,** foi construído sob os alicerces silenciosos de uma velha fazenda, oculta entre colinas e matagais densos. O nome daquela propriedade jamais foi mencionado em relatórios ou arquivos oficiais — um ponto cego deliberado nas investigações e na história local.

Para os poucos habitantes da cidade, a fazenda sempre fora apenas uma ruína antiga, um símbolo de abandono. Mas sob o solo seco e rachado, sete níveis subterrâneos guardavam o segredo mais letal já criado pela engenharia biológica moderna.

PharmaHAVEs, operava sob uma fachada modesta: um prédio clínico discreto de apenas três andares visíveis. Era um laboratório secreto de múltiplos andares no subsolo, projetado para experimentos biotecnológicos extremos, longe da fiscalização pública e das leis internacionais. Nada indicava que, sob aquele solo aparentemente inofensivo, repousava uma das mais complexas e perigosas instalações científicas já concebidas.

Apesar de sua fachada discreta, o complexo subterrâneo do PharmaHAVEs, era um prodígio de engenharia e organização. seis andares ocultos sob a superfície sustentavam uma operação que exigia precisão, sigilo e, acima de tudo, uma força de trabalho altamente especializada.

Para garantir a operação contínua, a segurança biológica e a eficiência em cada um de seus setores, havia uma equipe de, no mínimo, 120 a 150 funcionários, organizados em divisões estritas, onde cada função era essencial e inegociável.

---

1. Suporte Clínico e Fabricação de Remédios – 3 Andares Superiores

Acima da superfície, a operação assumia uma aparência inofensiva. Vinte a vinte e cinco funcionários formavam a linha de frente que mascarava a verdadeira natureza do laboratório. Farmacêuticos e químicos produziam medicamentos regularmente; técnicos cuidavam do envase, rotulagem e controle de qualidade. Enfermeiros e médicos mantinham uma fachada convincente, simulando o funcionamento de uma clínica rural qualquer, enquanto recepcionistas e auxiliares administrativos completavam a ilusão.

---

2. Segurança e Contenção Externa

Ao redor do perímetro e em pontos estratégicos, um contingente de quinze a vinte homens e mulheres mantinha vigilância constante. Guardas armados, e moradores chamados fakes, moravam numa casa próxima para garantir que qualquer curioso fosse neutralizado da melhor forma possível antes mesmo de se aproximar do prédio farmacêutico. Uma equipe de resposta rápida permanecia sempre de prontidão, os AFORTLHES. Treinados para lidar com vazamentos biológicos, invasões ou qualquer contingência que pusesse em risco a integridade do complexo.

3. Administração e Controle Operacional– Nível -0 Manutenção e Logística

Finalmente, sustentando a estrutura invisível de todo o laboratório, entre dez e quinze técnicos dedicavam-se à manutenção elétrica, hidráulica e mecânica, bem como aos complexos sistemas de filtragem e ventilação de ar — imprescindíveis para a contenção de agentes biológicos. Além disso, especialistas cuidavam da logística de suprimentos e do descarte seguro de resíduos perigosos, assegurando que nada, absolutamente nada, comprometesse a operação.

No topo da cadeia de comando, entre dez e quinze profissionais zelavam pelo funcionamento de toda a instalação. Sob a liderança direta de figuras como Leiko e Gawa, a direção científica coordenava cada setor com mão firme, garantindo que os protocolos fossem rigorosamente cumpridos. Além deles, operadores especializados supervisionavam o Protocolo EXODUS — o plano de emergência para evacuação ou contenção em caso de falha catastrófica — e gerenciavam toda a logística interna, desde o fluxo de materiais até as seguranças.

---

5. Laboratórios de Testes e Síntese Química – Nível -1

O primeiro subsolo abrigava os laboratórios onde a síntese molecular e os testes farmacológicos ocorriam em ritmo incessante. Cerca de vinte a vinte e cinco profissionais ocupavam este nível: químicos especializados manipulando substâncias de altíssima complexidade; bioengenheiros e farmacologistas expandindo as fronteiras da medicina; técnicos de laboratório atentos aos mínimos detalhes; e especialistas treinados para garantir a descontaminação e a segurança química do ambiente.

---

6. Observação e Monitoramento Biológico – Nível -2

No segundo nível, um núcleo de aproximadamente vinte cientistas e operadores dedicava-se à vigilância biológica. Biólogos celulares e moleculares, geneticistas e técnicos especializados em amostragem uniam forças com operadores de sistemas avançados de observação digital, monitorando cada variável com precisão absoluta, buscando sinais de sucesso... ou de desastre.

---

7. Contenção de Cobaias e Ensaio Vivo – Nível -3

Mais abaixo, o ambiente tornava-se ainda mais restrito e perigoso. O terceiro subsolo era o domínio da contenção biológica, onde entre vinte e cinco a trinta profissionais atuavam.

Veterinários com treinamento em biocontenção, técnicos de manipulação animal, guardas armados e prontos para qualquer eventualidade, além de cientistas dedicados ao estudo das mutações genéticas e comportamentais. Era aqui que os limites éticos da ciência eram frequentemente desafiados, sob o olhar frio dos pesquisadores.

---

8. Arsenal Técnico e Centro de Dados – Nível -4

No coração mais profundo do complexo, entre dez e quinze especialistas mantinham os sistemas que garantiam a sobrevivência e o sigilo do laboratório.

Engenheiros de sistemas e técnicos de TI zelavam pelos servidores e bancos de dados, enquanto especialistas em segurança da informação protegiam os segredos mais valiosos. Além deles, operadores de sistemas de defesa e técnicos em manutenção criogênica cuidavam do armazenamento seguro de compostos perigosos e amostras vitais.

---

9. Nível -5 – Biocontenção e Testes In Vitro

Ainda mais abaixo, no Nível -5, situava-se um dos setores mais delicados e sigilosos de todo o PharmaHAVEs. Em câmaras estéreis, hermeticamente seladas e mantidas sob rigoroso controle de pressão e temperatura, células humanas, tecidos e organoides foram meticulosamente expostos às primeiras versões experimentais do agente HELLARCs.

Ali, o contato direto entre a criação e a vida era mediado por braços robóticos de altíssima precisão, que realizavam procedimentos impossíveis para mãos humanas. Os cientistas, protegidos por espessas barreiras de vidro blindado e trajes de isolamento absoluto, observavam atentos os monitores, registrando em tempo real cada anomalia, cada alteração no comportamento das células.

Foi neste andar, silencioso e opressivo, que surgiram os primeiros sinais das mutações celulares descontroladas.

Divisões espontâneas, estruturas aberrantes, uma proliferação que nenhuma terapia poderia reverter. E, quando as evidências se tornaram inegáveis, elas foram ocultadas — cuidadosamente arquivadas nos bancos de dados criptografados do Nível -4, enquanto os testes prosseguiam, agora guiados pelo assombro e pela ambição.

---

10. Nível -6 – Ensaio Biológico com Organismos Vivos

No limite mais sombrio do complexo, onde até a esperança parecia rarefeita, situava-se o Nível -6: o setor de ensaio biológico com organismos vivos. Nenhum outro lugar do PharmaHAVEs era tão temido, tão ocultado, tão silenciado.

Atrás de portas reforçadas e trincos magnéticos, encontravam-se fileiras de jaulas fortificadas, onde roedores, primatas e espécimes geneticamente alterados eram mantidos sob contenção máxima. Cada criatura, antes um ser comum, tornara-se agora um experimento — e, para muitos, uma sentença.

Câmaras de observação blindadas e salas de controle protegidas permitiam aos cientistas acompanharem, a distância segura, as respostas do corpo vivo à exposição ao HELLARCs. O que rapidamente se revelou não foi apenas adaptação, mas uma transformação: organismos antes inofensivos converteram-se em aberrações agressivas, com instintos predatórios exacerbados e uma resistência sobre-humana.

Os corredores deste nível, permanentemente iluminados por frias lâmpadas de emergência, eram percorridos por sons que a razão recusava identificar. Grunhidos, estalos, arranhões — ecos inumanos abafados pelas paredes espessas, projetadas não apenas para conter o que ali vivia, mas para impedir que o mundo soubesse do que ali havia nascido.

Neste último reduto, o PharmaHAVEs ultrapassara todas as fronteiras morais e científicas. O HELLARCs não era mais apenas uma possibilidade: era uma realidade pulsante, viva, e furiosa, escondida sob toneladas de concreto e segredo.

Capítulo 1: Ecos do Subsolo.
Instalação H01 – Subsolo 5
01 de novembro de 2013, 03h00

A Origem do Gás HELLARCs

O laboratório parecia fora do tempo, um mausoléu de aço e vidro enterrado sob toneladas de concreto. Nenhum som, exceto o zumbido constante das câmaras de contenção e o clique ritmado do espectrômetro que há horas decifrava as últimas moléculas sintetizadas. As luzes frias tingiam tudo de um azul quase clínico, e o ar era tão rarefeito quanto as esperanças que ainda restavam naquela sala.

Doutor Leiko estava debruçado sobre o console central, as mãos pálidas e tensas, digitando com precisão cirúrgica. O suor escorria sob o colar do traje hermético, mas ele não ousava remover a proteção nem por um segundo. O que estavam criando ali não era apenas perigoso — era a própria antítese da vida.

Atrás dele, como uma sombra imóvel, Dr. Sarau Gawa permanecia em silêncio, os olhos fixos na tela holográfica que projetava a estrutura molecular que, há semanas, eles perseguiam como quem persegue um monstro que sabe inevitável.

Então, aconteceu.

Um apito sutil, quase tímido, cortou o silêncio. A sequência que antes colapsava sob seu próprio peso molecular agora permanecia estável, vibrante, completa.

Leiko parou, os dedos suspensos no ar. Murmurou, como se falasse apenas para si:

— Não pode ser... O oxigenador bio-orgânico sintetizou a cadeia completa.

Gawa aproximou-se, atraído pelo tom incrédulo do colega, os olhos captando cada linha da estrutura digital:

— Refaz os cálculos. Não é possível uma estabilidade tão alta com tamanha toxicidade...

Leiko, com as mãos trêmulas, reposicionou a estrutura molecular na projeção. A fórmula surgiu, límpida e irrefutável:
— Não... — murmurou, com incredulidade, recuando um passo.
Gawa se inclinou, os olhos famintos correndo pelas informações que surgiam em cascata no visor.
$C_9H_6F_4N_2O_3$ + Complexo Bio-orgânico M-21 = Estabilidade: 100%

E então, como numa execução inevitável, a última ramificação se encaixou, silenciosa e letal: um cluster reativo experimental, cuja sigla pulsava em letras vermelhas sobre a estrutura tridimensional:

O nome gerado automaticamente pela IA experimental saltou da tela como um presságio:
HELLARCs — Human Enhancement through Lethal, Latent and Aggressive Recombinant Compounds

O aviso na tela apitou, ríspido:

“Nova substância sintetizada: HELLARCs – 100% estabilidade confirmada.”

Leiko sentiu o ar rarefeito dentro do capacete. Sua voz saiu quase inaudível:
Leiko sentiu um calafrio subir pela espinha, mesmo sob camadas de proteção.
— Isso não era para... — sua voz morreu antes que pudesse completar.

Mas Gawa não parecia ouvir. Ou, talvez, fingisse não ouvir. Ele passou o dedo pela tela, ampliando as propriedades da substância recém-sintetizada: capacidade de penetração respiratória sem necessidade de pressão forçada; aderência a tecidos vivos; indução de mutação genética em níveis imprevisíveis.
— Reversibilidade? — perguntou Leiko, quase com esperança.
Gawa soltou uma risada seca, sem alegria.
— Irreversível.
Por um momento, o silêncio retornou, mais denso do que nunca.

Eles haviam cruzado a linha.

Meses de experimentos com inibidores enzimáticos, resíduos biológicos, compostos fosfatados, eles haviam trilhado aquele caminho sinuoso, testando incansavelmente variantes de compostos neuroquímicos para fins militares: gases que pudessem inibir funções motoras, induzir mutações controladas ou, ao menos, garantir uma contaminação ambiental eficiente e duradoura.

A ideia, inicialmente, parecia tão simples quanto absurda: criar um agente invisível, inodoro, que pudesse modificar o comportamento e a biologia humana, sem margem para resistência. O erro — ou talvez o mais audacioso avanço da história científica — acontecera quando combinaram resíduos biológicos do mutagênico M-21, um projeto anterior, com um inibidor enzimático fosfatado de alta reatividade. O resultado fora muito além das expectativas: não apenas um agente tóxico, mas algo... vivo.

HELLARCs não era um veneno comum. Era um complexo que:

- Penetrava profundamente nas vias respiratórias, aderindo ao tecido alveolar como uma semente maldita.
- Reagia com o DNA em minutos, induzindo mutações celulares caóticas e irreversíveis.
- Sobrevivia no ambiente por anos, fixando-se em superfícies e infiltrando-se silenciosamente na cadeia alimentar.

O nome surgira como uma piada de humor ácido, mas, agora, soava como uma sentença.

Gawa, Fez uma pausa, inspirando profundamente, antes de completar: — ... e... mutação somática espontânea.

Gawa, ainda lendo as propriedades na tela, sussurrou:

— Neurodegeneração... convulsão... alteração comportamental... capacidade de gerar respostas agressivas... Foi Leiko quem, em uma noite de exaustão e desespero, o adicionou à fórmula, quebrando protocolos que jurou respeitar.

Não contou a Gawa, pelo menos não no início.

Os protocolos foram seguidos à risca.

Primeiro, isolaram o composto sob máxima contenção, registrando todas as propriedades físico-químicas, como bons soldados da ciência. Criaram amostras microencapsuladas, armazenando-as nos cilindros criogênicos do setor G, que permaneceriam congelados até que alguém — algum dia — tivesse coragem de utilizá-los.

Mas Gawa não queria esperar.

Foi ele quem, no segundo passo, propôs os testes biológicos.

Leiko hesitou. Havia algo naquele composto que o aterrorizava mais do que qualquer outro experimento que já haviam conduzido. Não era apenas a sua eficiência; era a sua... vontade.

— Ainda não sabemos as implicações... — Leiko tentou argumentar. — E se isso for... irreversível?

Gawa riu de leve, como quem ouve uma piada ingênua.

— Já é irreversível, Leiko. A fórmula está aqui.

E, sem vacilar, digitou o código de ativação:

"EXODUS-7"

As luzes do laboratório mudaram de cor, tingindo-se de um âmbar quente e ameaçador, enquanto o protocolo de ensaio biológico era iniciado.

O protocolo de testes biológicos estava oficialmente ativado. Atrás deles, a câmara criogênica do setor G começou a abrir lentamente, exalando uma névoa branca e densa enquanto o cilindro metálico contendo a primeira amostra do HELLARCs emergia, girando lentamente em sua plataforma.

Os sensores de pressão registraram o mínimo escape de partículas na câmara isolada.

Na tela, o alerta:

“Atenção: Micro-exposição ambiental detectada.”

Leiko fechou os olhos com força, segurando o impulso de arrancar a máscara e acabar logo com aquilo. Mas Gawa permanecia sereno, quase reverente.

O primeiro teste foi rápido e brutal.

Em menos de uma hora, o primeiro organismo — um primata cuidadosamente selecionado — foi exposto a uma microdose do HELLARCs.

O resultado foi imediato e apavorante.

A criatura começou a sofrer insuficiência respiratória, os pulmões enrijecendo como pedra. Logo vieram as convulsões violentas, a espuma sanguinolenta escapando pela boca e narinas, até que, subitamente, o impossível aconteceu.

Sob o olhar atônito dos cientistas, os tecidos do animal começaram a se reorganizar, como se um arquiteto invisível redesenhasse sua anatomia. a pele deformava, olhos se esbugalhavam, vermelhos ficavam. formando estruturas novas, irregulares, grotescas... e agressivas. E por incrível que pareça, estava sã de consciência, mas sofrendo as mutações.

Leiko recuou, a respiração descompassada, o horror estampado no rosto.

— Isso... isso é impossível!

Mas Gawa manteve-se firme, os olhos brilhando com uma excitação que beirava a loucura.

— Não, Leiko... — respondeu, com a serenidade de quem contempla uma obra-prima. — É apenas o começo.

Naquele instante, o laboratório não era mais um templo do conhecimento. Transformara-se numa câmara de horrores silenciosos, onde o futuro da humanidade acabava de ser... alterado.

E nenhum dos dois podia mais desfazer o que havia sido criado.

— Nós... conseguimos.

Leiko gritou, golpeando o vidro com os punhos fechados.

— Desliga! Pelo amor de Deus, desliga!

Mas Gawa não se moveu. Apenas observava, fascinado.

— Não é morte... — murmurou. — É... evolução.

Quando finalmente a criatura colapsou, o laboratório mergulhou em um silêncio ainda mais profundo.

Na tela, um último aviso piscava:
“HELLARCs — Status: Ativo. Mutação: Confirmada.”
Leiko se virou para Gawa, os olhos úmidos, sem mais palavras.
Mas Gawa, imperturbável, já anotava: “Estabilidade perfeita.
Mutação rápida. Contaminação irreversível.”
A fórmula fora descoberta. O monstro criado.
E dali em diante, sabiam ambos, não haveria mais volta.

Capítulo 2: O Nascimento do Caos
Instalação H01 – Subsolo 5
01 de novembro de 2013, 03h27

O relógio marcava 03:27 da madrugada quando o alarme silencioso acionou o protocolo de segurança máxima. No coração do complexo HAVEs 02, dois homens estavam frente a frente, separados não apenas pela distância, mas por convicções, medos e, acima de tudo, pela decisão que, dali a minutos, mudaria para sempre o destino do mundo.

Doutor Leiko Guesa tremia, as mãos espalmadas sobre o painel de segurança, os olhos fixos no visor que exibia, em letras vermelhas e frias:
“Protocolo HELLARCs: PRONTO PARA EXECUÇÃO.”
Atrás dele, imóvel como uma estátua esculpida em aço, estava o Dr. Sarau Gawa — o implacável líder da pesquisa. O crachá pendia do peito como um medalhão de poder, enquanto seus olhos percorriam as últimas linhas do relatório que ele próprio autorizara, sem hesitar. O vazamento não seria um acidente. Era uma escolha.

Leiko virou-se, a respiração ofegante abafada pela máscara do traje de contenção.
— Não precisamos fazer isso… podemos isolar, conter… — sua voz partiu-se, frágil, quase inaudível.
Gawa inclinou ligeiramente a cabeça, como quem observa um detalhe irrelevante.
— Já está feito, Leiko. Só falta você aceitar.
E então, sem aguardar mais súplicas, digitou o código final: S-0-L-0-M-0-N.

No painel de controle, as travas de segurança cederam uma após a outra, como vértebras se partindo: “CONTENÇÃO LIBERADA.”“VÁLVULAS DE PRESSÃO ATIVADAS.”

Leiko gritou, correndo até o console, tentando interromper a sequência, mas Gawa o segurou pelo ombro inesperadamente

— Não há mais volta — disse, com uma calma tão aterradora quanto o som que começou a ecoar pelo laboratório: o sibilo crescente das válvulas liberando o gás.

Por trás do vidro reforçado da câmara central, cilindros selados começaram a abrir, soltando lentamente uma névoa turva, densa, quase viva. O sistema de climatização tentou conter, redirecionar, mas o HELLARCs não era como os outros gases. Não respeitava limites, não obedecia a protocolos. Ele se expandia, buscava. Infiltrava.

Em segundos, sensores dispararam:

“Vazamento detectado no Setor D.”

“Setores F e G contaminados.”

“Falha de contenção: Nível Crítico.”

Leiko cambaleou, o suor frio escorrendo pelas costas. No visor de segurança, as imagens mostravam os primeiros técnicos no andar inferior caindo de joelhos, sufocados, os olhos arregalados e injetados, a pele já começando a enrijecer.

Depois… os espasmos. Os corpos se contorcendo, rompendo limites naturais, ossos se deslocando sob a pele, veias enegrecendo como raízes mortas.

Gawa permaneceu assistindo em silêncio, os olhos brilhando com algo que Leiko não soube definir — horror, êxtase ou ambos.

— Eles são… protótipos? — balbuciou Leiko.

Gawa assentiu, sem tirar os olhos da tela:

— São os primeiros.

No andar superior, o gás continuava a se espalhar, penetrando cada fresta, cada conduto de ar, indiferente à engenharia que deveria tê-lo aprisionado. Agora ele era o dono do laboratório.

Leiko caiu de joelhos, a respiração entrecortada:

— E os outros setores… as cidades próximas… — sua voz era apenas um sussurro.

Com a serenidade de quem apenas observa o curso inevitável de um rio, Gawa respondeu:

— Elas já estão comprometidas.

No painel, o alerta final pulsava, como um coração vermelho e furioso:

“Vazamento Total: Irreversível.”

E assim, sem explosão, sem alarde, apenas com o sibilo de um gás invisível, silencioso e letal, o mundo começava a morrer naquela madrugada.

Gawa se virou pela última vez para o colega, sua expressão fria como aço:

— Bem-vindo à nova era, Leiko.

Então deixou a sala, enquanto Leiko, ajoelhado, observava o nevoeiro opaco preencher lentamente a câmara, envolvendo tudo, apagando tudo. Na superfície, quilômetros acima, ninguém sabia ainda, mas o HELLARCs já estava no ar. E não poderia mais ser detido.

O Despertar do Caos

Arquivo confidencial — Câmera de Segurança H01-S4-041 — Registro Recuperado

A gravação inicia-se com alarmes vermelhos intermitentes, rugindo como feras em pânico. Nos corredores do Subsolo 4, o Dr. Sarau Gawa — agora não mais o cientista impassível, mas um homem marcado — corre desesperadamente entre tantos funcionários, enquanto o laboratório se desintegra em um cenário apocalíptico. Luzes piscam sem controle, estilhaços de vidro cintilam como estrelas mortas, e um odor metálico mescla-se ao fétido aroma químico que permeia o ambiente.

Gawa segura firmemente uma maleta de titânio, com um chip de dados pendurado ao pescoço, e seu jaleco ensanguentado revela marcas que contam uma história de violência não vivida por ele mesmo. Em meio ao caos, sua voz é baixa, mas repleta de pesar e urgência:

— Está fora de controle… Guesa, fomos longe demais…

Enquanto ativa o elevador de emergência, o painel eletrônico responde com uma hesitação quase humana — como se o próprio sistema sentisse a iminência do fim.

Ao abrir as portas, o elevador revela um chão encharcado por um líquido escuro e pulsante; uma massa indistinta desliza silenciosa num canto sombrio, prenunciando horrores além do imaginado. Sem desviar o olhar, Gawa segue sua rota de fuga, mesmo que o subsolo grite em protesto. Horas antes, numa sala de análise, ele revisava os dados das cobaias contaminadas — os números não mentiam. Não era apenas a degradação mental; o corpo se entregava a uma lenta e brutal degeneração. “Eles estão apenas morrendo…”

Enquanto o Dr. Leiko Guesa, seu parceiro — e outrora amigo — classificava aquela observação como mero “delírio de ética”, Gawa contemplava a verdadeira face do abismo. Idealizador do projeto HELLARCs, inspirado por neurovírus africanos e técnicas avançadas de CRISPR, ele jamais imaginara que sua criação desencadearia uma aberração:

Uma criança, cujo olhar se fundira num monolito singular — testemunho de uma genética redesenhada à mão livre.
Do lado de fora, os primeiros raios de sol tímido anunciavam a manhã, mas aquilo era apenas o prelúdio para um horror maior. Ao acessar os sistemas superiores, Gawa descobriu o terrível plano: a expansão calculada do gás letal. O colapso de uma cidade rural seria apenas o primeiro ato de uma tragédia global, com outras unidades já preparadas para ativação.

No ápice do desespero, Gawa adentrou a sala de segurança e iniciou o protocolo “Purga de Registro”. Quase todos os dados foram eliminados, restando apenas um vestígio: seu próprio diário de observação.

Em seu rádio comunicativo, a mensagem soou como um aviso funesto: — Se alguém encontrar isso, saiba que o inferno é feito de fórmulas. E de arrogância. HELLARCs não era uma arma; era um convite.

Antes de fugir, ele enviou uma transmissão criptografada, percorrendo redes clandestinas até chegar a uma instalação secreta conhecida como H027 distante:

“O GÁS PENSA. E ESTÁ APRENDENDO. PARECE UM ESPECTRO VINGATIVO.”

A gravação encerrava com essa frase perturbadora, logo antes da imagem final: o helicóptero camuflado sumindo sob uma densa neblina tingida de vermelho, onde ácido e química se fundiam ao alvorecer, como uma cortina tóxica que engolia lentamente a aeronave, deixando para trás apenas os ecos metálicos de um mundo em ruínas.

Capítulo 3: Caos

Instalação H01 – Subsolo
01 de novembro de 2013, 03h33

Dentro do PharmaHAVEs, o horror já havia se instaurado. Um a um, os funcionários começaram a sucumbir à contaminação, seus corpos incapazes de resistir à mutação violenta provocada pelo HELLARCs. Não se tratava apenas de uma infecção, mas de uma deformação abissal: olhos esbugalhados e intensamente vermelhos, como se a retina queimasse por dentro; a pele parecia derreter, escorrendo como cera, enquanto se recompunha e se rompia numa sequência interminável de dor e regeneração.

E, mesmo assim, eles ainda se moviam como humanos. Caminhavam, falavam, pediam socorro, imploravam... mas seus corpos traíam a aparência: músculos retorcidos, ossos expostos, veias pulsando com o veneno vermelho que invadia cada célula. Mutantes, e ainda assim conscientes, presos no limiar torturante entre a razão e a bestialidade.

Toda a sequência foi minuciosamente gravada. O protocolo automático, ativado pela emergência biológica, garantiu que imagens, dados clínicos, telemetria e registros de voz fossem transmitidos, em tempo real, diretamente para o laboratório secreto H027 — o último reduto de onde talvez, um dia, pudesse nascer uma cura ou uma arma contra aquele flagelo.

Mas para os que estavam ali, não havia esperança. Assim que os sensores detectaram a presença maciça do gás, todas as portas principais do complexo foram trancadas permanentemente. Nenhum acesso de saída. Nenhuma chance.

Em meio ao caos, os doutores seniores e os altos oficiais conseguiram escapar. Eles conheciam rotas que os demais sequer imaginavam: saídas de emergência escondidas, acessíveis apenas mediante autenticação biométrica e facial de alto nível.

Eles passaram incólumes pelos scanners, fugindo por passagens estreitas, blindadas e isoladas, enquanto os demais — técnicos, cientistas júniores, operadores — corriam desesperados pelos corredores que só levavam a portas seladas.

O pânico se espalhou como fogo: gritos, ordens contraditórias, empurrões. Alguns tentaram arrombar as saídas com ferramentas, martelando inutilmente o aço reforçado; outros correram para as escotilhas de ventilação, apenas para encontrá-las bloqueadas por sistemas de segurança que haviam se ativado automaticamente.

Em algumas alas, grupos de funcionários, resignados, trancaram-se em laboratórios, tentando estender suas vidas por alguns minutos a mais, enquanto buscavam máscaras, filtros, qualquer coisa que pudesse barrar o avanço do gás. Mas nada foi suficiente.

Outros, em meio à confusão, fizeram o que ainda podiam: enviaram imagens, arquivos, relatórios. Transmitiram os últimos dados ao grupo que, silenciosamente, acompanhava o desenrolar de tudo — aqueles que se autodenominavam “Os Anciões”.

Cientistas, doutores e estrategistas espalhados em lugares que poucos conheciam, que há anos monitoravam as movimentações do PharmaHAVEs e o avanço da Nova Ordem. Eles sabiam que o plano maligno agora era inevitável, que o HELLARCs estava fora de controle. Mas acompanhavam cada bit de informação, cada imagem capturada, para reunir o máximo de dados possíveis: na esperança de, um dia, criar inibidores, antídotos, qualquer coisa que pudesse não destruir — mas ao menos amenizar — os danos à humanidade.

Os Anciões não tinham ilusões: sabiam que a catástrofe era certa, que o mundo como conheciam estava condenado. Mas sua missão era resistir, observar, registrar e, acima de tudo, manter viva a chama da possibilidade: a possibilidade de cura, de redenção.

Enquanto isso, nas entranhas do PharmaHAVEs, os últimos gritos cessavam, abafados pelo silvo corrosivo do gás que invadia cada sala, cada organismo, cada pedaço de vida.
E no silêncio que restou, apenas as gravações persistiram — eternos testemunhos de uma tragédia que jamais poderia ser esquecida.

Capítulo 04 – Protocolo REFÚGIO: Início da Resistência

Os Anciões assistiram em silêncio absoluto enquanto os últimos arquivos do PharmaHAVEs chegavam aos seus servidores criptografados. Imagens instáveis, sons distorcidos, registros biométricos e relatórios de análises genéticas. Tudo transmitido em tempo real, direto do coração do colapso.
Nos subterrâneos de suas instalações escondidas — algumas em antigas bases militares, outras em bunkers esquecidos pelo tempo —, eles se reuniram diante de monitores gigantes, projetando as cenas grotescas: corpos em mutação, gritos abafados, as câmeras de segurança capturando funcionários deformados, cambaleando, agindo como humanos, mas sendo consumidos pelo HELLARCs.

Nenhum dos Anciões expressou surpresa ou horror. Eles sabiam que aquele dia chegaria. Havia anos, décadas até que monitoravam os movimentos da Nova Ordem e os experimentos secretos com o gás vermelho. Mas agora, a escala e a ferocidade eram inegáveis: o HELLARCs havia evoluído, ultrapassado todas as previsões.

O mais velho entre eles Dr. Aloiso, — rompeu o silêncio com uma frase seca:
"Não podemos detê-los. Mas podemos aprender."

E assim começaram os protocolos há tantos preparados. Primeiro, isolamento absoluto das transmissões: nada poderia vazar, nenhum dado poderia cair em mãos erradas. Eles sabiam que agentes da Nova Ordem poderiam rastrear qualquer falha, qualquer sinal de interceptação.

Depois, análise imediata dos dados biológicos: decifraram o genoma alterado dos infectados, estudaram os padrões de mutação celular, mapearam o comportamento do gás. O que antes eram apenas teorias, agora se transformavam em fatos concretos.
Cada Ancião assumiu uma função crítica:

- Dr. Aloiso, líder da divisão genética, começou a trabalhar na modelagem de inibidores capazes de retardar ou até bloquear os efeitos do gás.
- Dra. Nair, especialista em farmacologia, ativou os laboratórios clandestinos para iniciar a síntese de antídotos experimentais.
- Professor Werneck, criptógrafo, liderou a equipe de proteção digital, criando camadas extras de segurança para que os dados do HAVEs nunca fossem localizados.
- Capitão Zema, ex-militar, organizou células de resistência, grupos de campo que poderiam, futuramente, infiltrar-se em outras instalações, roubar os botijões P90, coletando mais amostras, mais informações, mais armas biológicas.

Enquanto isso, mensagens codificadas foram enviadas para os últimos bastiões da resistência, células adormecidas espalhadas por várias nações: alertando-os de que a fase final do experimento HELLARCs havia começado.

Os Anciões não nutriam ilusões de vitória. Sabiam que o avanço do HELLARCs era um evento de extinção, uma força imparável, como um vírus dotado de consciência, que aprendia, se adaptava, se fortalecia. Mas o conhecimento obtido naquela última transmissão poderia ser a diferença entre o fim absoluto... ou a possibilidade remota de resistência.

No centro de comando, as telas continuavam mostrando os arquivos do laboratório destruído:

Funcionários deformados, andando como espectros pelo vazio; o helicóptero camuflado sumindo na névoa ácida; os corredores silenciosos e selados, agora túmulos de aço.

Dr. Aloiso fechou a última imagem, respirou fundo e disse, para todos na sala:

"Agora somos os guardiões do que restou. O próximo movimento... será nosso."

E com o recebimento da transmissão final, os Anciões não hesitaram. Ativaram, em consenso silencioso e sombrio, o Protocolo Final: **REFÚGIO**.

Não se tratava apenas de uma resposta, mas de uma diretriz meticulosamente planejada há anos, um plano de contingência oculto, tão secreto quanto os próprios laboratórios que agora ardiam sob a neblina ácida do HELLARCs. O REFÚGIO previa a aliança discreta e estratégica com outros cientistas, espalhados pelo mundo, muitos deles já confinados em laboratórios subterrâneos, isolados de qualquer resquício de civilização. Outros seriam convocados futuramente, chamados a abandonar tudo, suas famílias, suas vidas, para habitar o subsolo.

Essa união não era apenas pela ciência, mas pela sobrevivência.

Os Anciões sabiam: não bastava conter o HELLARCs — o gás pensante, o espectro que aprendera a driblar sistemas de contenção e a devorar células humanas. Era preciso **recriar**. Era preciso **replicar**. Experimentos genéticos, mutações em animais, alterações bioquímicas radicais… o que antes fora conduzido às escondidas no PharmaHAVEs agora precisava ser refinado, melhorado, e, se possível, revertido.

Um prédio alto, em uma cidade, foi escolhido como o marco inicial do REFÚGIO. Sob sua estrutura sólida, recriariam salas de manipulação genéticas, as novas câmaras estéreis, os novos laboratórios assim todos não apenas sobreviveria — mas evoluiria.

A preocupação maior dos Anciões era ter, em mãos, todas as informações — as amostras, os relatórios de mutação, os vídeos angustiantes das transformações... Tudo precisava ser recriado para que, a partir do caos, pudessem surgir os **antídotos**, os **inibidores**, as **chaves bioquímicas** que um dia, talvez, pudessem conter a hecatombe que se aproximava.
Eles sabiam: não havia mais volta. A Nova Ordem Mundial estava em gestação. O prazo máximo: **seis anos**.

Era o tempo que os estudos indicavam até que a mutação do HELLARCs se tornasse completamente irreversível, espalhando-se por continentes, cruzando fronteiras, infiltrando-se até nas cidades que agora ignoravam, confortavelmente, o colapso silencioso que começava debaixo de seus pés.

Assim começou a **preparação dos Refúgios Subterrâneos**: silos de sobrevivência, depósitos de conhecimento e, acima de tudo, laboratórios de criação. Criar, a qualquer custo, uma **vacina experimental** que pudesse garantir a sobrevivência — ainda que apenas de uma ínfima fração da humanidade.

E os Anciões, ao selar esse protocolo, compreenderam, com o peso de suas consciências, que agora eram mais do que cientistas. Eram **os guardiões do futuro**… ou os artífices do fim.

O tempo estava contra eles. O HELLARCs já havia aprendido. E o mundo jamais seria o mesmo.

Capítulo 5: O Legado da Traição – A Voz do Silêncio
Instalação H01 – Subsolo 1
01 de novembro de 2013, 05h14

Dr. Leiko jamais imaginou que Gawa — seu antigo amigo, mentor, e o criador de tudo — pudesse traí-lo daquela forma.

O homem que ele considerava um irmão manipulou funcionários, assassinou colegas sem hesitação, e explodiu o laboratório e o prédio principal... tudo sem um aviso. Sem dividir informações. Sem sequer olhar para trás.

O caos tinha sido absoluto. Mas o que vinha depois era ainda mais perturbador: o silêncio.

Antes de abandonar as instalações, Leiko foi equipado. Vestido pelos AFORTLHEs — as unidades biotáticas que ele mesmo ajudara a projetar — com trajes especiais, acessórios e sensores. — Bocas costuradas, olhos vazios, máscara de gás aterradora — projetadas para provocar medo e desestabilização psicológica. A proteção estava completa. O gás HELLARCs, vermelho, espesso e pulsante como sangue fresco, já havia se espalhado por toda parte, pintando o ar com seu veneno.

Agora, dentro da sala de comando, câmeras internas captavam a figura solitária de Leiko Guesa. Imóvel diante de uma tela rachada. A fumaça rubra ainda flutuava pelo ambiente. Seu rosto era apenas um reflexo distorcido pela superfície trincada do visor.

— *“Ele levou a maleta...”*

A frase foi dita com uma calma cirúrgica. Fria. Controlada. Mas por trás dos olhos de Leiko, ardia o fogo de mil experimentos fracassados — e de uma raiva cuidadosamente engarrafada ao longo de anos.

Ele sabia o que havia na maleta. Gawa não fugira por arrependimento... Aquilo era estratégia. Sobrevivência. E, talvez, algo ainda mais sombrio.

Dentro da maleta estava o protótipo do gás HELLARCs. Mas havia mais. Dois medicamentos manipulados, e uma misteriosa ampola marcada apenas com os símbolos: Hz.
Era uma versão do HELLARCs. Não gasosa. Injetável. Estável. E muito mais... permanente.
Mas algo ainda mais inquietante aconteceu.

Antes que o protocolo de “Purga de Registro” se completasse — faltando apenas 1% para os dados desaparecerem para sempre — uma mensagem inesperada surgiu na tela, como uma cicatriz digital no sistema:
“Um americano sempre trai um japonês.”

Leiko sentiu o frio da confirmação. Aquela frase... dita décadas atrás, na época da formatura, como uma piada entre dois velhos cientistas. Um código velado. Um presságio que só agora fazia sentido.

Ele fixou o olhar na frase, como quem encara um fantasma. Em silêncio, digitou uma senha esquecida pelo tempo. A tela tremeu.

E então, o vídeo começou a rodar.
…o vídeo começou em meio a estática, como se fosse algo antigo, recuperado às pressas. A tela tremulava com linhas verticais até estabilizar, mostrando uma gravação de baixa qualidade. Dois homens estavam sentados num banco de concreto, sob duas estatuas inacabadas, envolta de uma árvore florida. Era primavera. Eram Leiko e Gawa.

A gravação tinha um tom informal. Eles riam, claramente mais leves, despreocupados. A câmera tremia, alguém filmava de longe, talvez um amigo comum. A voz de Gawa, mais grave do que Leiko lembrava, ressoou com clareza:
— “Um americano sempre trai um japonês…”, ele disse, rindo. “Mas você vai ver, Leiko.
Quando eu trair, vai ser por algo tão grande… que você vai entender.”
Leiko, no vídeo, apenas riu.
— “Se for por ciência, talvez eu aceite.”

A gravação parou bruscamente. Tela preta.

De volta ao laboratório no andar 0, entrada do Laboratório, Leiko estava imóvel. A fumaça vermelha parecia mais densa, como se respondesse ao clima do lugar. Os sensores biológicos nos AFORTLHEs começaram a piscar com luzes alaranjadas. Estavam detectando instabilidade emocional no Dr. Leiko. Mas eles não se moviam — programação prioritária: aguardar ordens.

Leiko apertou os olhos. O vídeo, o traço de ironia de Gawa… a profecia boba entre dois velhos agora virava a sentença final de uma amizade.

— "Ciência..." ele repetiu, quase num sussurro. "...e destruição."

Num ato de fúria contida, Leiko socou a tela rachada. Mais fragmentos se soltaram, mas não o suficiente para feri-lo — as luvas dos AFORTLHEs o protegiam.

Ele se virou e abriu o último registro de rastreamento da maleta. Um ponto vermelho piscava a quase 2 km da cidadezinha. Ele sabia que, agora cercada pelo caos e observada pelos civis doentes e deformados, era apenas o começo.

E se Gawa tivesse mesmo liberado o gás como distração… então a maleta carregava algo pior.

— "Injetável... permanente..." Leiko murmurou.

Leiko se vira lentamente para os seis AFORTLHEs que o aguardavam em silêncio atrás dele — imóveis como cães de guerra esperando por ordem.

— *"Rastreiem Gawa. Recuperem a maleta. E tragam qualquer resíduo. Ele não pode sair das zonas controladas."*

Sem mais palavras, as figuras desapareceram...

Leiko respirou fundo.

— "Hora de ver o que ele se tornou…"

A purga dos registros havia falhado por 1%. E naquele 1%, estava a verdade que podia mudar tudo. Ou acabar com tudo.

Um bip estridente ecoou. Um alerta foi ativado: Contaminação de Classe Nível 6 nas zonas externas. Contato biológico desconhecido.

O grupo partiu antes do amanhecer.

Capítulo 6: "O DORMENTE"

01 de novembro de 2013 – 06h47

Localização: Zona de Exclusão Rural – 3 km de H01

O helicóptero pousou em silêncio sobre uma clareira esquecida pelo tempo, onde nem o som dos pássaros ousava habitar. Dr. Sarau Gawa desceu sem dizer uma palavra, com a maleta presa ao peito por uma correia de aço que parecia apertar não só o corpo, mas também sua consciência.

O piloto, antes de partir, recebeu uma ordem enigmática:

— *"Ainda... o doutor não poderá saber de nada."*

Era um comando claro para ele. Confuso para qualquer outro. O destino do helicóptero? O prédio farmacêutico. Resgatar Leiko. Mas não contar nada.

Agora sozinho, Gawa sabia que cada passo dali em diante era medido em segundos de vida. O ar ainda era limpo — pelo menos naquela altitude. Mas o cientista tinha plena consciência: não duraria. As partículas do HELLARCs já estavam no vento. Invisíveis, mas letais. Espalhando-se como uma doença viva, camuflada nas folhas, nas poças, na própria natureza.

Durante o dia, Gawa seguia andando, envolta da vasta vegetação afastada da cidadezinha. Guiado por GPS, equipamento última geração que jamais o deixaria perdido. Caminhava em silêncio absoluto, desviando de galhos secos, sombras móveis, e da própria culpa.

Dormia por minutos. Entre árvores mortas, troncos de arvores envelhecidas. No alto e horizonte, o céu tingido de vermelho...o horror daquela madrugada fria.

E então, vieram os rastros.

Sinais sutis. Pegadas muito pesadas para um animal comum. Galhos partidos em ângulos antinaturais. Um som metálico, repetido ao longe, como se os ecos estivessem sendo arrastados por dentes de ferro. Os AFORTLHEs estavam caçando.

E Gawa sabia: não estavam ali para prendê-lo.
Os AFORTLHEs estavam caçando.
Transmissão interceptada – Canal Tático AFORTLHEs
"Alvo localizado a 60 metros. Coordenadas trianguladas.
Unidade 5 iniciando contenção. Instruções: vivo, se possível.
Caso negativo, prioridade: MALETA."

Eles não falavam com vozes humanas. As máscaras modificavam tudo, transformando seus comandos em ecos digitais, abafados como vozes de um inferno tecnológico.

Em seguida, Gawa avistou uma figura entre as árvores. Estava parada, imóvel, com a cabeça inclinada levemente. Uma máscara negra, sem olhos, com uma linha vertical vermelha que brilhava como uma cicatriz acesa. Era um AFORTLHEs. E as vozes viam do rádio comunicativo.
Ele não correu.
Ele congelou.
Mas a figura também não se moveu. Apenas o observou.
Depois, sumiu.
Ele entendeu: estavam testando os limites dele. Brincando.
– Refúgio abandonado, antiga estação de trem rural.

Gawa encontrou abrigo num depósito de ferramentas. Ali, conectou seu laptop a um sistema offline. Inseriu o disco “O DORMENTE”.
A tela piscou. Um vídeo começou a rodar.

Instalação H01 – Sala de Bioengenharia.
Sarau Gawa desce ao subsolo 6, agora totalmente selado.
Nenhum outro cientista está autorizado ali. Apenas ele.

Ali, em um cilindro de vidro, está uma cobaia única: humanoide, mas deformado. Pele branca como giz. Olhos costurados. Coração exposto e pulsando num ritmo irregular.

Gawa observa com reverência. Aquela era a primeira forma de sucesso da Ampola Hz.

Um ser que não morria. Um ser grotesco, deformado, olhos vermelhos e esbugalhados. Violento e canibal, com uma sede insaciável pela carne humana. E, segundo os registros de Gawa, sonhava acordado.

Era uma gravação da cobaia especial: a criatura piscou em sincronia com as ondas cerebrais de outro paciente em um monitor.

Sincronização neural forçada. Era como se o gás estivesse "fazendo chamadas internas" entre os contaminados. Uma rede.

HELLARCs não era só veneno. Era comunicação. Uma forma de reorganizar a humanidade por dentro.

Gawa grava um vídeo. Seu rosto está pálido, a barba grande por fazer, os olhos fundos.

"Se estão vendo isso… então falhei. Eles estão atrás de mim. Não posso destruí-lo. Só escondê-lo. A verdade está aqui dentro…"

Ele levanta a maleta. A aponta para a câmera.

— "Você será meu mensageiro... quando o mundo estiver pronto", ele sussurra, encostando a mão no vidro.

Será que Gawa havia caído na armadilha mais antiga da ciência: A verdade só é libertadora... quando alguém sobrevive para contá-la.

Dr. Gawa havia deixado pistas. Fotos codificadas em bancos de dados médicos. Vídeos curtos em fóruns de bioética. Fragmentos. Mas ninguém sabia da maleta.

Dentro dela, havia mais que Ampolas e remédios. Havia um caderno, com anotações feitas à mão, contendo dados impossíveis: estruturas virais que se reorganizavam sozinhas; efeitos colaterais neurológicos que imitavam estados de consciência coletiva; testemunhos de vítimas que diziam ouvir a mesma voz dentro de suas cabeças. A "voz do gás". Gawa batizou aquilo de Neurocampo-H.

Neurocampo-H era um possível resultado de exposição prolongada ao HELLARCs em cérebros humanos em estado de colapso. No fundo da maleta, escondido sob uma placa falsa, havia ainda um disco criptografado.
ROTULADO: “O DORMENTE”

Capítulo 7: A Cidade Insidiosa
01 de novembro de 2013 – 08h20
1,7 km da Instalação H01

A névoa vermelha ainda pairava sobre os arredores, agora misturada aos primeiros raios do sol, tingindo o horizonte de uma cor apocalíptica. O relógio no pulso de Leiko marcava 08h20. O helicóptero que deveria ter voltado para buscar o Doutor ainda não havia retornado. Nenhuma comunicação oficial. Apenas o silêncio — cortado, ocasionalmente, por estática e vozes perdidas no rádio comunicativo de todos

O silêncio começava a parecer zombeteiro.

Mas o Doutor não estava sozinho.

Os três AFORTLHES ao seu lado —Delta-01, Delta-02 e Delta-03 — permaneciam em posição de alerta, seus sensores girando como olhos atentos. Maior que Leiko, projetado para combate, mas ali agia como escudeiros. Sua missão era clara: "Proteger o Dr. Leiko Guesa a qualquer custo."

Seus sensores piscavam em laranja, registrando níveis residuais do gás HELLARCs mesmo após a dissipação atmosférica.

Leiko observava o céu. Os olhos semicerrados. Por dentro, sabia que não podia esperar mais. As chances de contaminação ainda eram mínimas com sua roupagem completa e os filtros de ar de última geração. Mas a cidade... a cidade era um risco diferente. Um risco vivo. Um lugar onde a radiação era só mais um detalhe.

Foi então que o rádio chiou. Leiko apertou o botão do rádio preso ao cinto. A estática deu lugar a uma voz firme:

— *“Central do Refúgio para unidades avançadas... repito... sinal térmico e pulsação confirmada... Doutor Gawa foi localizado. Última posição: entrada sul da Cidadezinha. Enviando coordenadas codificadas. Aguardando protocolo de resposta.”*

Leiko não hesitou.

— “Vamos a pé.

— Se o helicóptero chegar, garantiremos que o senhor suba.”

Os AFORTLHES acenaram com um leve giro da cabeça metálica. Estava pronto para a caminhada...

“Ordem confirmada.”

Com mochilas ajustadas, armas presa às costas e usando máscaras de gás, começaram a caminhar em direção à Cidadezinha. A estrada que levava até a pequena cidade era antiga, feita de barro. Os primeiros trechos mostravam sinais claros de abandono: cruzando campos de mata alto, pequenas ruínas... e os primeiros animais mortos nas redondezas. Seus corpos deformados precariamente.

O caminho até lá seriam guiados por GPS. 1km e 700 metros levaria 40 minutos mais ou menos.

Nenhuma resposta nos rádios. Nem sinais de rede. Nem celular. O sistema de emergência estava mudo.

A cidade, com seus exatos 712 habitantes, era simples. Casas alinhadas, uma igreja, uma escola e uma vendinha que funcionava de segunda a sábado. O acesso era precário: uma estrada longa ou um trem que mal passava. Agora... não havia som algum.

Na noite anterior, os sensores da Instalação H01 registraram uma queda brusca na pressão dos compartimentos de contenção Nível 4. O gás HELLARCs — ainda em fase de estabilização — vazou por falhas nos sistemas de drenagem antigos que corriam sob a fazenda, onde o prédio de dois andares havia sido construído.

As câmeras externas captaram apenas a névoa avermelhada saindo do chão, como se a própria terra estivesse exalando ódio.

Leiko observava os dados, as mãos enluvadas tremendo. Ele sabia que Gawa tinha razão. Sabia que aquilo ainda não estava pronto. Mas era tarde demais.

Centro da Cidade — 08h35

O silêncio parecia sólido. Nenhum pássaro, nenhum se quer outro animal. A cidade havia morrido... ou mutado.

Passavam por setores mortos, onde casas ainda tinham luzes tremeluzindo — algum tipo de gerador improvisado — e sussurros podiam ser ouvidos através das paredes quebradas.

Ele sabia o que o esperava. Não apenas infectados. Mas aqueles que não queriam ser curados, que lembravam perfeitamente o que tinham sido forçados a se tornar, e que agora alimentavam-se de vingança, mais do que de carne.

Na rua principal, carros com portas abertas, vitrines quebradas, corpos caídos — deformados, com a pele inchada e retorcida pelas mutações do gás. Leiko apertava a gola da roupa, conferindo os níveis de vedação.

Seus sensores biológicos não apitavam. Estava seguro… por enquanto.

Havia um homem ajoelhado murmurava. O corpo coberto por placas inchadas. Os olhos quase saltando da órbita. A pele se descascava, revelando tecido pulsante e vivo.

Os AFORTLHEs apontaram suas armas.

Leiko levantou a mão.

— "Não. Deixem-no falar."

O homem os encarou revelando seus olhos vermelhos apodrecendo onde pingavam lágrimas escuras.

“A voz… dentro da minha cabeça... ela chama pelo nome de todos… ela sabe que vocês... criaram ela...”

— "Registrem tudo."

Casa 07, Rua Principal — 08h53

A equipe entrou em uma residência. Sangue seco cobria o chão. Pedaços de espelho espalhados. Um gravador ainda estava ligado sobre a mesa.

🔊 [Registro de Áudio]

“...minha esposa... os dedos dela... caíram. Ela ria. Disse que podia ver o mundo todo dentro da parede.

Depois tentou se enterrar no chão... Eu não sei mais quem ela era...”

— "Registrem tudo e coletem esse objeto."

Praça Central — 09h12

Os três focam em algo grotesco: uma mulher arrastando um carrinho de bebê, mas o que havia ali era um pequeno cadáver envolto em uma teia escura de carne. Ela cantava, ou pelo menos tentava. Seu rosto parecia derretido num lado, mas seu olhar ainda era humano. Quando se aproximaram, ela gritou com uma voz que os fez gelar:

— “Seus porcos malditos! Usaram meu filho! Usaram a gente!”

— “Vocês acham que somos animais de laboratório! Mas nós lembramos... LEMBRAMOS!!”

Ela correu contra eles, empunhando uma faca. Não puderam hesitar. Três tiros no abdômen, um na cabeça. Quando caiu, ela ainda murmurava:

"Meu nome era Joana... eu era professora..."

Corpos. Alguns inchados, mas intactos. Outros, abertos como flores monstruosas. Crianças reunidas ao redor de uma fogueira improvisada. Seus rostos estavam calmos, sorrindo sem motivo, com olhos opacos como bonecas de pano.

Os AFORTLHEs se aproximaram.

As crianças olharam em sincronia.

Em uníssono, disseram:

“O gás canta pra gente... vocês ouvirão também.”

Viela ao sul da Praça Central — 09h37

Após a última rajada de tiros, os corpos jaziam imóveis no chão quente e irregular da cidade. O sangue evaporava devagar, como se também se recusasse a abandonar aquele lugar. Leiko caminhava mais à frente, atento, o rosto suado, olhos trêmulos. Até para ele, que conhecia os experimentos, o nível de consciência nos infectados era maior do que qualquer relatório previu.

Os AFORTLHES mantinham os sensores em alerta máximo. Mas foi Leiko quem primeiro ouviu.

Uma voz masculina, rouca, porém firme: — “Parem de atirar... Por favor. Eu não sou como eles. Eu ainda penso direito.”

Do beco à direita, surgiu um homem magro, curvado, com um avental sujo de sangue e graxa. Trazia um pequeno crachá metálico no peito com a sigla "H01. Os olhos fundos, quase sem pálpebras, deixavam os globos oculares expostos ao ar. Ainda assim, ele sorria.

— “Eu era técnico... na seção de motores dos purificadores de ar. Eles me testaram também.

Mas eu escapei da última fase... por sorte. Tenho informações. Posso mostrar... tem documentos. Gawa passou por aqui... eu o vi!”

O Agente Delta-01 imediatamente apontou a arma- para ele. Mas Leiko curioso e impressionado com a fuga daquele homem do prédio, fez um gesto.

— “Baixe. Vamos ouvir.”

O homem parecia sincero. Caminhava devagar, braços erguidos.

— “Há um grupo. Um núcleo... que ainda se comunica, mesmo nessa... dor. Eles anotaram coisas. Mapas. Sinais de onde os cientistas se esconderam. Os culpados. Eu ajudo vocês a encontrá-los.”

Leiko se aproximou mais. Estavam agora a menos de quatro metros de distância. Foi quando o homem falou baixo:

— “Eu me lembro do que vocês fizeram com meu irmão.”

E sorriu. Mas não era um sorriso humano. Era um espasmo nervoso, um reflexo torcido pela dor e pela insanidade.

Leiko, sentiu repulsa pela sua aparência horrorosa, pedaços de carne caindo de seu rosto, no crachá uma foto que não condiz a sua aparência. Mas, ele sentiu o perigo tarde demais.

O homem se contorceu, os braços se abrindo. Do tórax dele, surgiram duas agulhas de osso, que lançaram ácido sulfúrico

diretamente contra Delta-01 e o próprio Leiko atingindo seu traje de proteção. Ao mesmo tempo, de trás dos escombros, outros dois "sobreviventes" surgiram armados com ferros afiados, vindos como predadores.

Delta-01 atingido recuou, emitindo uma série de alertas sonoros enquanto queimava parte do torso. O ácido penetrou, expôs pedaço de seu corpo se derretendo. O fedor de carne apodrecida e metal queimado se misturava no ar pesado. Leiko cambaleou para o lado, escorregando nas pedras molhadas pelo ácido. O traje havia resistido à maior parte do ataque, mas o impacto fez o ombro esquerdo latejar de dor — algo havia perfurado uma camada.

O outro Agente Delta-02 reagiu com brutalidade: ergueu sua arma, uma submetralhadora e disparou uma rajada, atingindo os três. Leiko também atirou, e as balas acertavam e pelo impacto, pedaços de carne iam caindo ao chão.

O Leiko caiu no chão, gritando. Parte do seu ombro esquerdo ardia. Uma queimadura leve, mas o choque e a decepção pesavam mais que a dor.

— “Doutor, precisa se mover. Já!” .

O homem ainda estava vivo, ou ao menos se movia. Os olhos, antes humanos, agora fundos e vítreos, o encaravam com um ódio lúcido, consciente. O crachá preso ao peito balançava com os espasmos. “Técnico André C. – HAVEs 01”.

A foto mostrava um homem limpo, bem-vestido, sorridente. Mas aquele ser diante deles não era mais técnico, nem homem. Era um erro que a própria instituição dele causou.

O homem retirou seu jaleco completamente onde em seu torso, os ossos haviam murchado e escurecido após o disparo do ácido. O peito aberto, uma cavidade borbulhante que revelava órgãos expostos, que parecia dizer suas últimas palavras se contorcia e ainda gritava:

— *“Vocês... fizeram... isso... comigo!”*

Delta-01, atingido, ajoelhava. Partes do traje derretiam como vela. Seu peito e barriga expunha ossos e vísceras, tremeluzindo. O sistema do relógio em seu pulso registrava que sua máscara e corpo foram expostos além de um diagnostico daquele ataque.

— "*Nível de corrosão... 62%*"

Delta-03, por outro lado, era pura resposta instintiva. Avançou sobre os restos de um dos atacantes e disparou mais uma rajada, triturando membros, rasgando rostos, espalhando tripas e membros sob o chão de barro.

Leiko apertou os dentes. Seus olhos corriam ao redor, à procura de mais ameaças — mas o que encontrou foi pior.

Dos becos e janelas quebradas, rostos humanos começavam a aparecer. Pessoas... ou algo entre pessoas e monstros. Deformadas, algumas sem nariz, outras com bocas abertas até as orelhas, mas todas as conscientes. Todas observando.

E então vieram os gritos:

— "MATEM ELES!"

— "OLHEM OS CULPADOS!"

— "É ELE! É ELE QUE TRABALHAVA PRA ELES!"

Famílias inteiras. Vizinhos. Pessoas da mesma rua. Gente que um dia pode ter dividido pão e água.

Agora caíam uns sobre os outros em busca de sangue.

Leiko sentiu o peso do horror... e da culpa.

Aquilo não era apenas infecção. Era memória. Era vingança.

Ele respirou fundo e gritou para Delta-02:

— "NÃO POUPEM NINGUÉM!"

Os tiros voltaram a ecoar.

O sangue, ácido e espesso, tingia o chão.

Era só o começo.

Relatório Adicionado ao Registro da Missão
Transcrição parcial do áudio de campo – 09h44
(Refúgio Central):
“Infiltrados conscientes utilizam empatia e manipulação. Não há diferença entre vítima e agressor. Todos aprenderam a mentir. Todos querem se vingar.”

Últimas palavras do homem antes de morrer
(captado no rádio local):
“Vocês acham que estamos deformados por fora... Mas o que apodreceu foi o mundo que vocês construíram.”

Transmissão Codificada PHZ-A114
Relatório de Campo
Status: Cidade contaminada em 100%.
Infecção ativa em 87% dos cadáveres.
Comunicação neural entre infectados: Confirmada.
Efeitos comportamentais: Delírio, agressão, religiosidade espontânea, suicídio coletivo, perda da estrutura óssea.
Sugestão: Isolamento total e incineração.
Requer Amostras.
Ativar o protocolo “ARCS”
Requer, a 2ª Unidade de Contenção.

Capítulo 8: Máscara de Silêncio
Relato confidencial – Unidade 2 AFORTLHEs Delta H7
Transcrição do diário de missão.

O traje vedado começava a pesar depois de horas. Não pelo material — era leve, resistente, pressurizado — mas pelo que ele representava. Dentro da máscara com visor térmico e filtragem de partículas, só o som da própria respiração me mantinha consciente. O resto era o silêncio do desespero ao meu redor.

Meu nome? Não importa mais. No H01, fomos treinados a esquecer quem éramos. Nascemos de novo quando vestimos a armadura preta e a máscara alongada com as mandíbulas metálicas. Criados para agir, não sentir.

Recebemos o chamado às 13h00 da tarde. O protocolo “ARCS” havia sido ativado: Vazamento no compartimento químico subsolo 5. Não era só um alarme. Era o início do fim.

Fomos os primeiros a entrar na cidadezinha bem no interior, à tarde, como recomendado, depois do colapso. O chão ainda exalava vapores vermelhos, serpenteando pelas estradas de terra como cobras vivas. Casas com portas escancaradas, brinquedos infantis largados no chão, bicicletas tombadas..., mas sem nenhum som.

Até encontrarmos os primeiros corpos. Não mortos — corrompidos.

Lembro da primeira mulher que encontramos. Ela se arrastava pela estrada, os olhos escorrendo sangue, os ossos da mão projetados para fora da pele, como se o esqueleto tivesse decidido escapar. Ela não falou. Ela rosnou. Quando nos viu, tentou correr, tropeçou nos próprios pés deformados e gritou. Um som que ainda ecoa nos meus sonhos.
"Não sou eu... Não sou eu..."

Foi necessário usar nossas armas e depois aplicar fogo.

As gravações não captam o cheiro. Ainda bem.

Passamos horas naquela manhã, vasculhando cada rua, cada milharal, cada porão infestado. Vimos homens com olhos como lanternas vermelhas presos em galpões, arrancando a própria carne. Crianças fundidas em carne viva com os animais domésticos. Gado apodrecendo em pé, olhos abertos sem alma.

Coletávamos amostras — sangue, unhas, pele, órgãos. Sempre limpos. Sempre eficientes. Cada pedaço de sofrimento era um dado. E os doutores queriam todos os dados.

"Eles não morrem como humanos. Eles não choram. Eles rasgam."

Gravei isso após encontrar um velho na escola local. Ainda conseguia falar. Me pediu para escrever uma carta para a filha, que morava fora. A carta queimou em minhas mãos minutos depois. Ele implodiu — literalmente — após a fase terminal da mutação. Aquilo era uma reação tosca e horrível de se vê. Em alguns era assim, em outros os dias seriam contatos até sucumbir a uma morte, lenta, dolorosa e bizarra.

Nossos relatórios eram enviados direto ao laboratório secreto chamado H027. Vi Dr. Sarau Gawa uma vez, atrás de um vidro triplo, rindo ao observar uma cobaia girando sem parar dentro de uma cela. Ele dizia que a mutação cerebral estava "exatamente como o previsto".

A cidade morreu devagar. No final, havia apenas gemidos... e depois, silêncio de novo. Mas eu sei que algo ainda respira ali. Algo que não queimamos. Algo que espera.

Capítulo 9: Ruído na Máscara
01 de novembro de 2013 – 00h47
Instalação H01 – Subsolo Nível -3

O AFORTLHEs designado como Delta-07 limpava a lâmina de sua faca com precisão cirúrgica. O sangue não era dele — nunca era. Era de funcionários do laboratório HAVEs 01, havia mulheres e homens mortos pelo chão. Mas em suas mãos era sangue de uma última sobrevivente. Uma mulher que sorria enquanto seus olhos sangravam lágrimas ácidas.

Desde os primeiros testes, os soldados da divisão AFORTLHEs eram selecionados entre criminosos condenados à morte, soldados desaparecidos ou voluntários com distúrbios psicológicos — ideais para um programa que exigia obediência, força... e ausência de alma.

Mas algo dentro dele ainda estava lá. Algo... humano.
E essa parte começava a gritar.

31 de outubro– 09h00
Relatório Interno da H01 – Confidencial

“Indivíduo Delta-07 apresentou comportamento errático. Recusou-se a realizar a incineração de cobaias. Foi visto murmurando para o espelho de contenção e atacou o técnico de campo. Ameaça de rompimento comportamental.
Iniciar protocolo de desligamento.”

Mas quando a equipe de controle chegou até os alojamentos de Delta-07, encontraram silêncio.
E, aos poucos, corpos.

Cinco AFORTLHEs haviam sido executados com precisão militar. Um deles teve a máscara fundida com ácido. Outro, a garganta cortada com sua própria seringa intravenosa.

01 de novembro – 04h23

Nível -2 da Instalação H01 – Laboratório de contenção

Leiko Guesa assistia aos monitores com uma expressão vazia. Sarau Gawa, ao seu lado, estava em choque. O caos que se espalhava nas câmeras mostrava que Delta-07 havia acordado para a verdade — ou enlouquecido de vez.

“Ele... está vindo pra cá.” — disse Gawa.

“Talvez seja a hora de encerrar tudo. Não há mais o que esconder.”

Corredores da Seção Central – Nível -2

Delta-07 caminhava lentamente, com sangue escorrendo do uniforme. As luzes tremeluzentes do corredor revelavam o que ele havia se tornado: um homem entre dois mundos. Nem soldado, nem cobaia. Mas um monstro moldado pelo próprio sistema.

Ele murmurava palavras desconexas:

“Eu vi o céu vermelho por dentro...

...e o som do gás grita com meu nome antigo...

...mas eles ainda acham que controlam isso.”

Ao chegar à ala central, apontou sua arma improvisada — uma lança feita com pedaços de uma maca e os restos de um botijão P90 — e disse:

“Fim da mentira.”

Leiko Guesa e Sarau Gawa estavam encurralados. Não havia mais soldados. Não havia mais contenção. O próprio sistema os havia abandonado.

07-Delta entrou na sala.

“Eu deveria matar vocês agora. Mas talvez... talvez o inferno seja deixar vocês viverem.” Ele jogou a maleta com os últimos dados do Projeto HELLARCs sobre a mesa. Em seguida, chutou uma seringa cheia com uma das variantes mutagênicas em direção ao Guesa.

“Tomem. Use em vocês. Vejam o que criaram.”
Guesa tentou falar. Gawa preparado para retalhar.
Mas Delta-07 já se virava para sair. Seu destino era incerto. Talvez as florestas ao redor. Talvez o fim do mundo.
“Vocês me criaram. Agora, deixem-me espalhar o evangelho da dor.”

Capítulo 10: Vozes Queimadas no Escuro
01 de novembro de 2013 – 06h12
2ª Unidade de Contenção.
Cidade Rural – Setor Sul

A floresta cuspia os últimos resquícios do amanhecer do dia quando Códice Delta-07 se juntou misteriosamente com a 2ª Unidade de Contenção. Ele estava sujo, mas com coragem suficiente para ir a frente, mas calado. Agora eram 7 Agentes.

Eles atravessaram o matagal. A vegetação estava cinza, morta, como os ossos espalhados entre galhos e lama radioativa. Os pássaros... já não eram vistos...voando só caídos no chão sem pelos, deformados, assim não haveria mais cantos naquela natureza.

A cidade ainda resistia como um cadáver que se recusa a apodrecer. As casas estavam ali — tortas, trêmulas, cobertas por musgo e ossos. O gás ainda pairava no ar como um sussurro químico, silencioso, vermelho, mas corrosivo. Ele sentia isso dentro de si. A mutação não era só física. Era uma presença.
A primeira casa que encontrou ainda tinha vidas.

Relato Áudio: Delta-07 | Arquivo A-HZ-77

“Eles me viram chegar.
Tinha um velho com os olhos virados, como ovos quebrados. A pele dele estava rachada, como papel molhado.
Ele tentou me atingir com uma enxada. A filha dele... o rosto dela parecia estar derretendo.
Tentaram me matar.
Me jogaram óleo quente.
Eu pedi... pedi que me ouvissem.
Eles gritaram: ‘Você é um deles! Um dos monstros! Um soldado do inferno!’”

Delta-07 foi atingido por duas facadas no braço esquerdo e um golpe na costela. Mas ele não morreu. Ele nunca morria. Ele matou todos naquela casa. Um por um.

Rápido, silencioso. Sem prazer. Somente limpeza. Ainda bem que um cara louco e corajoso se juntou na nossa equipe.

Rua da Igreja – Setor Norte – 06h22

A segunda casa era pior.

Lá dentro, cinco pessoas amontoadas contra a parede. Não falavam. Gemiam. Um menino pequeno sem mandíbula apontava para a cabeça e balbuciava sons desconexos. O cheiro de carne pútrida era esmagador. Eles desejavam morrer.

“Eu atendi o pedido deles.

Dei a única cura que existe neste estágio: esquecimento total.

Cortei com cuidado. Sem gritos.

Parecia que até os companheiros respeitou aquele ato, no momento.”

Relato do Diário de Campo – Delta-07

“A terceira casa parecia normal.

Uma mulher cantava para uma criança sem olhos.

Mas a voz dela era oca.

Ela cantava para si mesma.

Ela... já estava morta por dentro.”

“As feições dos sobreviventes não são mais humanas.

Um homem abriu a boca e vomitou dentes.

Outro se arrastava sem pernas, falando com um rato morto como se fosse seu filho.”

“Desta vez, matamos todos. Não porque eu quis... mas porque era necessário.

Eles estavam além da redenção.”

Armazém Abandonado – Margem Leste – 07h35

Pude sentar-me num canto, envolto por sangue. Ferido, sim. Exausto, mais ainda. Mas não derrotado. Perdemos um Agente para um cara, mas ele não era mais um homem. Ele era o eco da falha, o grito da ciência impune, o último carrasco de uma cidade sem salvação.

Aquele camarada escutava vozes. Às vezes, dos mortos. Outras, do próprio gás.

“Mate mais... liberte-os...”

“O erro é deles, não seu...”

“Você é o fim... e o novo início.”

Ele tinha surgido do nada, agarrou o Delta-09, apertou sua máscara contra o rosto. A máscara ainda o definia.

Sem ela, talvez ele lembrasse do nome. Do homem que foi.

Ele o arrancou e o matou.

Delta-11 aproximou e atirou tantas vezes que os membros daquele cara arrancaram rápidos. Mas havia uma granada no seu corpo, então a explosão lhe despedaçou e estiraço quebraram a máscara e feriram gravemente o Delta-11. Eu não pensei duas vezes ou esperando que seus companheiros decidissem. O matei. Simples

O som da respiração do Delta-08 era tudo que quebrava o silêncio agora. Ruidosa, acelerada... talvez os filtros do capacete tivessem sido comprometidos. Mas ele continuava de pé, firme como uma parede cravada no concreto da ruína.

Delta-10 sangrava pelo lado direito do abdômen. Costela quebrada ou deslocada, talvez. A proteção havia amortecido parte da granada... parte.

Delta-09, Delta-10... se foram Delta-11, nem conseguiu reagir.

O homem ou criatura... transformado num estilhaço humano. Antes, aquele “eco da falha” ... ele sorria mesmo sendo só carne pendurada em osso.

Ele não queria sobreviver. Ele queria ser a praga.

E agora, ele é só parte do chão.

O Delta-11 ainda segurava a arma como se esperasse mais um surto. Mas o gás aqui estava disperso. Quase invisível, quase inodoro. Ainda assim, ele agia. Como um vírus silencioso em cada canto da cidade, transformando pessoas em criaturas deformadas.

No radio de todos escutamos...

Leiko está a caminho.

O rádio apitou às 07h49: *"Doutor Gawa avistado. Hostis nas proximidades. Situação fora de controle.*

Agora somos quatro.

E temos que recuperar o doutor antes que vire mais uma aberração no meio da loucura.

Mas, se tiver que escolher entre salvar o cientista ou eliminar a próxima ameaça…

Eu atiro primeiro. Pergunto depois.

Capítulo 11: Projeto IRANTE
06 de março de 2014
Instalação Classificada: H027 | Localização: Desconhecida

A sala estava fria, iluminada por uma única lâmpada pendente que oscilava suavemente no teto metálico. O som das gotas de condensação pingando no chão ecoava como um metrônomo silencioso da tensão que pairava.

Um grupo seleto de cientistas observava em silêncio enquanto as páginas queimadas do caderno de Leiko Guesa eram digitalizadas e reconstruídas linha por linha.

Nas entrelinhas da insanidade, havia algo de genial.

"Ele errou na dose de Polônio-210... mas o princípio da zumbificação parcial ainda é funcional. Nós podemos aprimorar isso."

— disse Dra. Julia Gawa, nova chefe de engenharia biológica da *PharmaHAVEs*.

Ela era fria, metódica e pragmática. Seu olhar clínico para o sofrimento humano era apenas mais uma variável no processo. A destruição de uma cidade? Um experimento mal calculado.

Agora, eles tinham o que chamavam de Projeto IRANTE.

IRANTE: A Segunda Geração

Base de Pesquisa:

Fragmentos das fórmulas de Sarau Gawa e Leiko Guesa.

Amostras de tecidos colhidos por AFORTLHEs nas últimas missões.

Sequência mutagênica aprimorada para permitir controle neural parcial dos infectados. Corpos seriam substituição do Polônio-210 por uma variante instável de Actínio-227, mais volátil e reativa a impulsos eletromagnéticos.

"A intenção agora é contaminar, deformar e torná-los Irantes, descontrolados e perigos ao extremo. Criar Zumbis e também animais genéticos. Assim teriam que dar um passo a mais, e contratar um geneticista em destaque.

Encobrimento:

Enquanto isso, do outro lado do mundo, a *PharmaHAVEs* investia bilhões em silenciar repórteres, apagar vestígios digitais, subornar autoridades locais e — principalmente — desacreditar quaisquer testemunhas ou familiares de desaparecidos da cidade rural.

Campanhas falsas, laudos médicos adulterados, registros civis apagados, satélites redirecionados...

Tudo foi sistematicamente varrido da história.

“A cidade nunca existiu oficialmente.”

— Relatava o relatório de mídia interna.

No entanto, o que não podiam apagar... era o que vinha a seguir.

Um novo campo de testes:

Com os dados dos sobreviventes registrados por Delta-07 e os vídeos dos AFORTLHEs, a *PharmaHAVEs* definiu um novo objetivo:

Replicar as condições de contaminação controlada em uma área maior.

Desta vez, porém, usariam refugiados, moradores de rua, e até crianças desaparecidas.

Eles já estavam sendo levados.

Em caminhões, disfarçados de resgate humanitário.

Trecho da transmissão interna – confidencial:

“O fracasso de H01 foi... educativo.

Agora, com o Gás HELLARCs, alcançaremos algo que ninguém imaginariam:

Uma população inteira sob controle.

Sem livres arbítrios. Sem revoltas. Sem dúvida.

Apenas... obediência.”

Há duas cidades vizinhas, desta vez faremos as coisas certas nem que leve 6 anos ou mais. Esse é o prazo certo doutores?

Capítulo 12 — “O Último Pulso”

Num laboratório oculto sob as ruínas do que restou da instalação HAVEs 026, um dos cientistas observa em silêncio a nova fórmula do IRANTE. O líquido, incolor à primeira vista, pulsa em tons de roxo quando exposto à luz ultravioleta — como se tivesse vida própria.
Ele sorri.

Com mãos trêmulas de expectativa, desliza uma gaveta metálica. Lá dentro, envolta em um tecido especial, repousa a nova versão da máscara AFORTLHEs. Mais robusta. Mais simbólica. Reforçada com placas de composto cerâmico, tubos internos para oxigenação direta e um visor com leitura neural.

Ele a segura por um instante, como quem segura um destino inevitável.
“Eles voltarão...
...e desta vez, não deixarão rastros.”

Enquanto isso, do outro lado da rede global...

Uma antiga transmissão criptografada, assinada por Sarau Gawa, reaparece nos canais mortos dos satélites de baixa frequência. Fragmentos dela são capturados por pequenos grupos de hackers independentes. O conteúdo da mensagem, mesmo incompleto, é suficiente para acender uma fagulha. Um movimento AntiPharm começa a emergir das sombras digitais.

Mas Leiko Guesa já esperava por isso.
No subterrâneo do novo prédio batizado de Laboratório Farmacêutico H02, Leiko está ao lado de Sarau Gawa, da doutora Julia Gawa — filha de Sarau — e de um novo aliado: o geneticista Genezi Barbosa.

Eles formam uma nova célula de resistência científica.

Não mais apenas sobreviventes... agora são arquitetos de um futuro imprevisível.

Um novo laboratório secreto.
Uma nova etapa do projeto HZ027.
Um novo plano para salvar — ou redefinir — a humanidade.

Capítulo 13 – “A Última Semente”

No coração da floresta úmida, o ar parece mais denso. O silêncio é preenchido por um som peculiar — um chiado abafado, não mecânico, mas orgânico e metálico ao mesmo tempo. Aquele som... Ele sabe o que é.
O AFORTLHEs Delta-07 o encontrou.

Ele corre. O corpo exausto, a maleta com os inibidores balançando a cada passo. Seus pulmões queimam. Mas o som da respiração mascarada permanece atrás dele, constante — ritmado, predatório, como se fosse parte viva da própria floresta. E então, ele surge.

O Delta-07 aparece à frente como um fantasma. Sem aviso. Sem tempo de reação.
Sem escapatória.

Sarau Gawa tropeça e cai. A maleta escorrega da mão e desliza pela terra molhada. O soldado avança e a recolhe com precisão quase mecânica.

O doutor grita:
— “Você não entende!!”
O soldado se aproxima. A máscara negra e opaca revela apenas o reflexo distorcido do pânico de Gawa.
Com voz metálica e distorcida, ele responde:
— “Você já não faz parte do plano.”

Então, como num surto, o Delta-07 arranca sua própria máscara. Está sujo, ensanguentado. Os olhos arregalados, insanos. Suas palavras saem como lâminas:
— “Eles não virão... Eu os matei. Um por um. Decapitados. Esquartejados. Eu... eu fiz questão.”

Entrada do Hospital Abandonado – 09h47

O hospital parecia engolido por sombras. Não sombras comuns, mas aquelas que pareciam se mover nas bordas da visão — Fragmentos de escuridão que dançavam entre a memória e o medo.

As portas estavam penduradas pelas dobradiças, algumas arrancadas e jogadas contra paredes manchadas. Os corredores, que um dia serviram para socorrer feridos, agora eram passagens de desespero. As janelas estavam todas quebradas, como se o próprio prédio tivesse tentado respirar uma última vez antes de sufocar.

O chão estava coberto por fragmentos de vidro, seringas quebradas, trilhas de sangue seco e marcas de garras. Garras humanas? Animais? Ninguém ali queria descobrir. O cheiro misturava iodo velho, mofo, suor antigo... e sangue — aquele sangue envelhecido que gruda na garganta como um gosto metálico de fim.

Cartazes médicos desbotados pendiam das paredes como véus esquecidos: “Lave as mãos”, “Proteja-se”, “Vacinas salvam vidas”. Irônico. Nenhum deles salvou alguém aqui.

Delta-07 guiava o Doutor Sarau Gawa pela entrada principal, ainda segurando a arma em punho, a maleta contendo documentos e amostras cruciais presa ao peito com fitas improvisadas de gaze e fita cirúrgica. Os outros dois agentes cobriam os flancos, mas algo os fazia caminhar mais devagar... como se o prédio inteiro respirasse junto, ofegante, atento.

DOUTOR GAWA (sussurrando):

"Esse lugar... foi onde eu trabalhei. Onde testamos os primeiros neutralizadores. Aqui eles gritavam antes de morrer... e às vezes, depois também."

O silêncio foi rompido. Um leve tilintar de metal. Como uma cápsula de bala rolando no chão. Olhares se voltaram para o interior da sala de emergência, onde uma ambulância tombada bloqueava parcialmente a entrada.

E então, Leiko apareceu.

— Você demorou — disse o AFORTLHES.

— Você ainda está vivo. Isso é milagre — respondeu Leiko.

O silêncio ficou grosso. O doutor se virou, tossiu. O som era úmido.

— Se tiver algo a dizer, é agora — o AFORTLHES apertou o cabo da arma.
Gawa suspirou. Olhou para os dois, os olhos carregados de derrota e culpa:
— Vocês acham que o HELLARCs foi um erro? Um acidente de laboratório?
Leiko respondeu primeiro:
— Foi o que sobrou. O que se espalhou. O que matou todos ali.
— Não… — o doutor Gawa ergueu um dedo. — Foi criado para falhar. Desde o início.
O AFORTLHES não respondeu. Mas Leiko deu um passo à frente.
— Explica isso. Agora.
Gawa continuou:
— O gás nunca foi pra controlar comportamento. Era pra testar limites biológicos. Resistência. Dor. Variações mutantes de humanidade. Eles queriam saber até onde o corpo humano aguentava... antes de se transformar.
Testes feitos com famílias. Comunidades inteiras foram expostas com o consentimento de autoridades militares.
A cidadezinha aqui... era a primeira amostra.
O AFORTLHES apertou a maleta. Seus dedos suavam dentro da luva.
— Quem sabia disso? Perguntou Leiko.
— Só os Altos Níveis.
Eles usavam a cidade como um estudo vivo. Cada ser vivo deformado… cada ser humano que enlouqueceu… estava sendo monitorado o tempo todo via satélite.
Leiko cerrou os dentes.
— E onde estão esses “Altos Níveis” agora?
Gawa sorriu, um sorriso estranho, quase derrotado.
— Escondidos. Protegidos. Em outros países. Planejando algo maior. Esperando a gente eliminar os últimos vestígios. Depois vão recomeçar. Uma nova ordem mundial. Eles não estão com pressa.

Leiko você é o único que não sabia, pois, suas vontades, 35suas escolhas estão duvidosas. E eu amigo tentei abrir sua mente. Você ainda tem a única oportunidade de fazer parte, se não. Aquela frase que eu havia lhe dito a anos atras...será feito.
— Não há cura. Só há purificação. Vocês ainda não entenderam? O gás é a nova forma da vida!
O AFORTLHES DELTA-07 ergueu a maleta. Apontou a arma.
— Então você vai morrer com ela, doutorzinho Gawa.
Dois tiros certeiros. Gawa ali mesmo, caiu, contorcendo-se de dor.

A recepção do hospital ficou em silêncio, exceto pela respiração ofegante de Leiko, o som de vidro quebrando sob botas e o gemido agudo do doutor ferido.
No chão, o sistema de dados da maleta piscava.
Agora, o AFORTLHES DELTA-07 tinha tudo.
E com o rádio em mãos, sussurrou para qualquer autoridade que ainda estivesse viva:
— Código Delta-07. Doutor capturado. Dados intactos. Mas vocês têm cinco minutos.
— Ou eu vazo isso pro mundo.

Leiko, ofegante, aproxima-se erguendo a pistola e descarregando três tiros no peito do DELTA-07
Mais dois na cabeça quebrando a máscara de gás,
Delta-07 caiu com um grunhido seco, e a sala ficou em silêncio.

O capacete danificado deixava ver parte de seu rosto — deformado, suado, marcado, enlouquecido… mas alerta. O olhar dele não era mais de um soldado. Era de alguém que havia entendido algo maior. Algo além da missão.

Com um gesto lento, Leiko se abaixou diante do corpo moribundo de Delta-07, puxou a maleta, que ainda estava presa com fitas ao colete do agente, e a abriu ali mesmo.
Frascos prateados brilharam sob a luz fraca da sala.
Dentro dela estavam os inibidores do gás HELLARCs.
Frascos únicos. Fórmulas raríssimas. A chave da sobrevivência — ou da extinção seletiva.

LEIKO (em voz baixa, cansada):
“Eu entendi as conexões, Gawa. As mensagens. As falhas.
Mas ainda preciso de respostas.
Esse aí quase iria destruir, arrancar nossos planos, hein?
Você ainda me surpreende... seu maldito americano.”
Delta-07, ferido, tentou alcançar a arma caída ao lado.
Leiko pegou o gravador e a câmera corporal do corpo do soldado e os ativou. Gravando tudo. A maleta. O doutor. O ambiente.
LEIKO (para o rádio):
“Cachorro Doido, prepare o resgate. Coordenadas enviadas.
Situação... quase resolvida. Traz a máquina.”
Enquanto isso, ele aplicava no doutor um frasco com etiqueta azul: “OPIODES-R.7” — um sedativo equilibrado, também usado para estabilizar pessoas afetadas pelos delírios do gás.
Gawa estremeceu, os olhos se reabrindo aos poucos.
GAWA (sussurrando):
“Ainda estamos vivos?”
LEIKO (ajustando a maleta):
“Por enquanto.”
Do lado de fora, os estalos secos de madeira quebrando e vidros sendo pisados anunciaram o horror chegando.
Moradores deformados, expostos há muito tempo ao HELLARCs, arrastavam-se como aberrações. Seus corpos retorcidos, alguns com braços soldados à carne do tórax, outros com bocas rasgadas até as orelhas, vinham mancando, babando, segurando ferros, tacos de madeira, pedras sujas e pedaços de hospital arrancados do chão.
Eles tinham olhos vazios e vermelhos opaco, mas focados. E estavam famintos. Confusos. Violentos.
Leiko gravava tudo com a câmera recém-roubada. Gawa, mesmo atordoado, entendia a gravidade daquilo.
GAWA:
“Eles… não são mais humanos…”

LEIKO:
“São o resultado. O eco da omissão.”

Os dois tentaram resistir com o que tinham: um tubo metálico, uma chave inglesa, algumas balas restantes. Mas estavam sendo cercados. Os infectados urravam com gargantas desfeitas, mais bicho que gente.

Então, o barulho do rotor. Um estrondo ensurdecedor atravessou o céu. E, num rasante impiedoso, o helicóptero militar com pintura preta e marcações riscadas, desceu como um predador. As hélices esmagaram, trituraram e despedaçaram dezenas de infectados, jogando sangue e carne no ar.

O piloto gritou no rádio aberto, rindo como um lunático.

CACHORRO DOIDO (via rádio, rindo):
“PORRA, LEIKO! ISSO AQUI TÁ UMA FESTA DE OSSO E SANGUE! SUBAM LOGO, SEUS MALDITOS, ANTES QUE EU FAÇA UM PICADINHO DO PRÉDIO!”

A aeronave bateu contraparte da estrutura do hospital, derrubando algumas vigas e arrancando uma das letras metálicas da fachada, mas nada sério o suficiente para impedir a fuga.

Leiko puxou Gawa pelos ombros e subiram.

Porta fechada. Tremor no chão. Os últimos infectados urravam e se arrastavam inutilmente.

O helicóptero subiu, deixando para trás um hospital marcado por traumas e monstros — e levando, dentro dele, a maleta que continha o possível fim ou salvação da espécie dos escolhidos.

Capítulo 14 — Silêncio na Estrada Morta
Corredor Sul – Hospital Central **–** 10h41

Silêncio. Poeira ainda caía das vigas rachadas. Sangue respingado nas paredes, corpos deformados espalhados como esculturas grotescas de um pesadelo biológico. Por entre o vermelho escuro no chão, algo **se moveu**. Delta-07 tossiu. Seu peito arfava de forma instável, o colete do traje deformado por impacto, mas não completamente vencido. Os tiros de Leiko haviam perfurado o tecido, mas não o suficiente para atravessar sua caixa torácica. O último tiro, na cabeça, acertou o capacete alojando as balas. Ele ainda estava vivo. Ferido. Mas vivo. Com um esforço sobre-humano, Delta-07 se arrastou, deixando um rastro viscoso atrás de si. O visor do capacete rachado ainda exibia sinais vitais e o rastreamento da maleta.

DELTA-07 (sussurrando, com ódio e dificuldade):
“Vocês… vão se arrepender.”

A dor queimava seus nervos, mas sua mente, treinada e condicionada, se reconectava com a missão original: garantir a segurança dos inibidores. Puxou uma faca curta de emergência presa ao seu tornozelo. Cortou uma parte do tecido da farda para fazer um torniquete no abdômen. Retirou uma seringa de autoaplicação com estimulantes — a última — e injetou na coxa. O efeito foi imediato. A dor diminuiu. A mente clareou.

E os rastros ficaram visíveis novamente. O helicóptero tinha partido. Mas o sangue no chão, os sons gravados na câmera roubada… tudo que havia registrado estava perdido**.** Ele sabia o que procurar. Mas não teria como se comunicar.

Delta-07 lembrou das mortes dos soldados AFORTLHES e teve que ir voltar ao local para recuperar algum rádio e assim entrar em contato com seus superiores... Com passos cambaleantes, ele saiu do hospital...

O sol não nasceu naquele dia. Ou talvez tenha nascido, mas a nuvem espessa de toxina e cinzas o engoliu antes que pudesse tocar o solo.

Delta-07 caminhava. Cruzando corpos de infectados, segurando sua faca e o visor trincado ainda pingando sangue.

As botas afundavam na lama e em algo mais denso — mistura de carne, barro e abandono. Era um homem quebrado. Ou talvez já não fosse mais um homem.

Os passos eram lentos, o corpo curvado. Sua máscara, rachada e suja de sangue, refletia o céu cinza e o horror que seus olhos nunca mais esqueceriam.

Gravação interrompida – Canal Beta-Red:

"Unidade Delta-07... você está fora da zona de contenção. Volte imediatamente."
[...] está ferido? Está escutando?
"Seu protocolo não permite evasão. Repito, volte agora ou será considerado desertor."
Silêncio.

08h32 – 7 km da cidade

Ele passou por um grupo de carros abandonados.
Os corpos dentro estavam em avançado estado de putrefação.
Ele parou diante de um espelho lateral ainda inteiro. Retirou a máscara.
O rosto...Inchado. Os olhos, opacos.

As veias pulsavam de forma irregular — havia algo dentro dele, algo do gás, talvez algo pior: a culpa.
Ele começou a rir. Não como um louco — mas como alguém que já perdeu tudo e só resta o eco do que poderia ter sido.
"Não sou mais soldado. Não sou mais humano. Sou a lembrança viva do que vocês fizeram..."
A voz se apagou com o vento.

Última visão confirmada de Delta-07:

Foi visto caminhando rumo ao matagal alto, na direção de uma cadeia de montanhas sem nome.

Carregava apenas: Um facão embotado. Um caderno de desenho de criança. A máscara rachada presa ao cinto. E um olhar que nunca mais pertenceria a este mundo.
Relato anônimo – Agente AFORTLHEs (classificado):
“Delta-07 sobreviveu àquilo tudo. Isso, por si só, já é um crime contra a sanidade.
Dizem que ainda anda por aí...
Alguns afirmam ter visto um homem deformado, coberto de cicatrizes, observando silenciosamente vilarejos distantes, florestas isoladas, trilhas esquecidas.
Sempre calado.
Sempre esperando.”
Epílogo Parcial – Arquivo Confidencial Dossiê HELLARCs
Paradeiro do Operador Delta-07: DESCONHECIDO
Status: Potencial ameaça. Evitar contato. Letal se confrontado.
Nota extra: Não é mais um de nós...

No interior do H027 — o núcleo do novo projeto —
O comboio dos AFORTLHEs retorna. Agora são poucos soldados, mas divididos por 2 tarefas distintas.
No centro do laboratório, em uma câmera pressurizada, Leiko e Sarau apresentam os dados diante de um painel digital. A maleta está aberta. Frascos translúcidos brilham sob luz controlada. Sarau segura uma ampola singular — sua cor enegrecida, pulsante, parece reagir ao ambiente.
Os dados no visor principal se atualizam em tempo real:
VARIANTES HELLARCs IRANTE-01
Estágio de mutação: Avançado
Potencial de replicação neural: Confirmado
Risco de extinção ecossistêmica: EXTREMO
Sarau Gawa sorri, exausto, mas convicto.
— “Agora sim… temos algo com potencial de recomeço.”
De repente, um ruído.
ZzzZZap!
Um estalo elétrico corta o ambiente....Tela preta.

Ações Recomendadas:

- Priorizar a localização e a segurança dos dados recuperados por Leiko Guesa.
- Investigar a nova localização do laboratório secreto e a identidade da célula de resistência científica.
- Monitorar as atividades da PharmaHAVEs e identificar as novas unidades subterrâneas.
- Avaliar a viabilidade de desenvolver um antídoto ou contramedida em massa com base nas informações da Ampola Hz.
- Considerar a possibilidade de cooperação com grupos AntiPharm ou outras entidades independentes.
- Desenvolver um plano de contingência para o caso de disseminação em larga escala do gás HELLARCs ou ativação do Projeto IRANTE.

Investigar o paradeiro e as intenções do Operador Delta-07, considerando a possibilidade de neutralizá-lo ou utilizá-lo para obter informações.

HELLARCS
BIOHAZARD
CONTAINS
SYNTHETIC NEUROVIRUS
PharmaHaves
PharmaHaves
PharmaHaves

🧪 Gás HELLARCs — Descrição Científica Fictícia

Nome químico fictício: *Hexaetilenol-LAR-Carcinox*

Estado físico:

Gás volátil à temperatura ambiente levemente esverdeado com iridescência vermelho-escura. Odor metálico misturado com cheiro de carne queimada.

Propriedades Físico-Químicas (fictícias):

Peso molecular: ~187 g/mol

Ponto de ebulição: 14 °C

Altamente solúvel em tecidos humanos.

Reativo com ferro no sangue (hemoglobina), gerando mutações celulares.

🧬 Composição Molecular Teórica (ficcional)

Toxina Neurodegenerativa:

Uma variante fictícia do *VX* (agente nervoso real), alterada com enzimas de retrovírus sintético.

Função: Destrói controle motor e reinicia circuitos de agressividade no cérebro.

Catalisador Retroviral:

Um retrovírus sintético baseado em estruturas como o HIV, mas com engenharia CRISPR ativada.

Função: Muda o DNA das células epiteliais e neuronais, levando a deformações físicas grotescas.

Composto Mutagênico LAR (Líquido Anômalo Recombinante):

Um agente causador de necrose regenerativa – regenera tecidos deformados de forma caótica.

Função: Cria feridas regenerativas e mutações visíveis na pele e músculos.

Estabilizador A (base amônia-quaternária)

Mantém o composto estável até a exposição ao oxigênio atmosférico.

HANDLING AND STORAGE OF GAS HELLARCs CYLINDER P90

1 CHECK GAS PRESSURE LEVEL

2 USE ANTI-BILIDER IN CONTAINMENT

3 LOCK CYLINDER IN CONTAINMENT RACK

4 FASTEN VALVE VISUALLY MOTOR

☣️ **Efeitos no Corpo**

0–1 minuto: Irritação ocular extrema, vermelhidão, perda de pelos

2–10 minutos: Convulsões, colapso respiratório parcial

10–30 minutos: Mutações visíveis: olhos esbugalhados, pele ferida, comportamento zumbi

30 minutos em diante: Transformação irreversível, agressividade extrema, perda da consciência individual

⏱️ **Tempo de Fabricação (hipotético)**

Se fosse possível criar um gás como esse, seriam necessários:

Fase 1: Desenvolvimento de retrovírus sintético – 1 a 3 anos (com tecnologia atual e secreta)

Fase 2: Síntese e estabilização dos agentes – 6 a 12 meses

Fase 3: Testes de viabilidade e contaminação em laboratório – 1 a 2 anos

Total estimado: **3 a 6 anos**, com equipe de cientistas especializados, biolabs de nível 4, e financiamento ilimitado (imaginando um cenário estilo "Umbrella Corporation")

💉 **Antídoto – Ampola Hz**

Nome técnico fictício: ***Hemazina-ZB (Hz)***

Descrição:

Injetável intramuscular ou intravenoso

Bloqueia a ligação do vírus aos receptores CD4 e reverte mutações no DNA

Contém nanopartículas programadas para identificar e destruir vetores HELLARCs

Concede **imunidade permanente** ao vírus, mas o paciente ainda carrega o vírus como portador assintomático.

Administração:

Preventiva: 1 dose 24h antes da exposição

Curativa (em emergência): até 10 minutos após exposição, com eficácia decrescente após 30 minutos

🎬 Resumo Estético

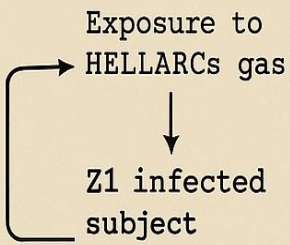
O gás HELLARCs parece um véu levemente fosforescente, que se espalha como uma névoa assassina, impregnando o ar com um cheiro que faz o nariz sangrar e os olhos arderem antes mesmo do contato direto. Seus efeitos são grotescos, e transformam vítimas em criaturas que parecem ter saído de um pesadelo biológico. A única esperança é a Ampola Hz — uma injeção vermelho-preto que pulsa no escuro e precisa ser aplicada antes que seja tarde demais.

HELLARCs

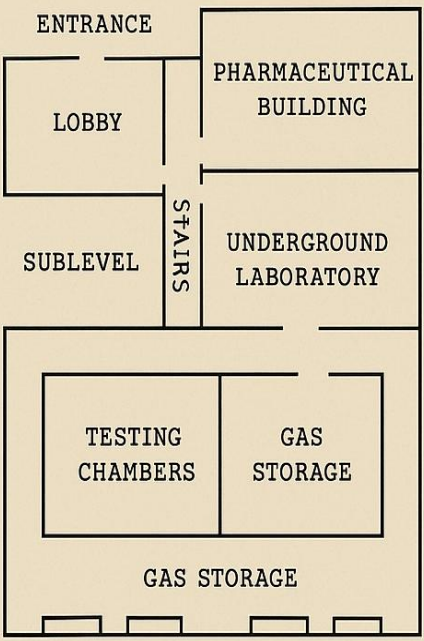
Extremely dangerous red gas that causes severe physical deformities, transforming those exposed into zombie-like creatures.

Formula: $As_2Cl_3 + HF + Rn$

Infection Process



Map of H01 Facility



Z1 Infected Subject

CARTILHA DE EMERGÊNCIA: VAZAMENTO DO GÁS HELLARCs

IMPORTANTE:

O gás HELLARCs é altamente tóxico e volatil, capaz de causar deformações irreversiveis em minutos.

NAO há tratamento convencrional disponivel fora de ambientes protegidos com antidotos esp.

O QUE FAZER IMEDIATAMENTE

- Acione o alarme de contenção do local (bezão verrelho).
- Cologué măscara e traje NBQ (nivel 4) imedistamente.
- Evacue o local e sele a area.

ZONA DE SEGURANÇA

- Administrar inibidor Hellaroi (dese de ataque intravenosa).
- Usar compressas de ácido folico néutralizante nas regiõs afetadas.
- Aplicar gel de HDPL (quando disponivel) nos olhos e roscto.

NOTA FINAL

Todes funcionarlos devem se manter:

Levar vitimas

– Levar se vimas expostas a hospitais civi!

EFEITOS IMEDIATOS DA EXPOSICÃO

Inhalação:

- Estufamento inchaco ocular,
- Olhes completamente vermelhos e sallentes.
- Necrose de tecidas moles nas vias respiratorias.
- Dentes escuraçende e apodrecendo STI até 3 horas (necrose dentaria).
- Insuficiéiicía réspiratória em estágio avançado.

Contato com a pele:

- Qucimaduras quimicas intensas.
- Bolhas grandes e negres surgem nn zinutos.
- Necrose visivel e perda de fecido.
- Matação célular desconirolada (patencial žuimbificacto em (estes commimate)

PROIBIDO

TOCAM EMSACIENTE:

- Administrar inibidor Hellarol (dosé de ataque intravenose).
- Usar compresas de ăcido folico neutralizante nas regioes aefetadas.

PROIBIDO

Tocar directamente e roubas contaminadas. Usar agua comum para lovar a pele.

⚠️ CARTILHA DE EMERGÊNCIA: VAZAMENTO DO GÁS HELLARCs ⚠️

🚨 IMPORTANTE:

O gás HELLARCs é **altamente tóxico e volátil**, capaz de causar **deformações irreversíveis** em minutos após a exposição. NÃO há tratamento convencional disponível fora de ambientes protegidos com antídotos específicos.

🧪 CARACTERÍSTICAS DO GÁS HELLARCs

- **Cor:** Invisível ou levemente avermelhado.
- **Odor:** Forte, enxofre, asfixiante e penetrante.
- **Forma de propagação:** Aérea e por contato.
- **Reatividade:** Altamente agressiva ao tecido biológico.

☣️ EFEITOS IMEDIATOS DA EXPOSIÇÃO

👃 Inalação:

- Estufamento e inchaço ocular.
- Olhos completamente vermelhos e salientes.
- Necrose de tecidos moles nas vias respiratórias.
- Dentes escurecendo e apodrecendo em até 3 horas (necrose dentária).
- Insuficiência respiratória em estágio avançado.

🧤 **Contato com a pele:**

- Queimaduras químicas intensas.
- Bolhas grandes e negras surgem em minutos.
- Necrose visível e perda de tecido.
- Mutação celular descontrolada (potencial zumbificação em testes com animais).

🛑 **O QUE FAZER IMEDIATAMENTE**

1. **Acione o alarme de contenção** do local (botão vermelho).
2. **Coloque máscara e traje NBQ (nível 4)** imediatamente.
3. **Evacue o local** e sele a área.
4. **Isole a vítima** e mantenha em área ventilada com sistema de filtragem HEPA.

💊 **PROCEDIMENTOS PARA VÍTIMAS**

✅ **SE AINDA CONSCIENTE:**

- Administrar **inibidor Hellarol** (dose de ataque intravenosa).
- Usar **compressas de ácido fólico neutralizante** nas regiões afetadas.
- Aplicar gel de **HDPL** (quando disponível) nos olhos e rosto.

❌ SE DESMAIADA OU EM CHOQUE:

- Imobilize e proteja as vias respiratórias com tubo traqueal especial.
- Transporte em cápsula hermética de descontaminação.
- **NÃO TENTE REANIMAR** com respiração boca-a-boca ou sem proteção.

🔗 ZONA DE SEGURANÇA

Todos os funcionários devem se manter em:

- **Zonas brancas:** Áreas com circulação de ar pressurizado e sem riscos.
- **Pontos de descontaminação:** Cada ala deve conter ao menos **1 câmara de descontaminação** com escaneamento ocular e ducha química.

🚫 PROIBIDO

- Tocar diretamente em roupas contaminadas.
- Usar água comum para lavar a pele.
- Levar vítimas expostas a hospitais civis.
- Reutilizar EPIs sem descontaminação tripla.

🧬 NOTA FINAL

A exposição ao gás HELLARCs tem **índice de letalidade de 92%** sem intervenção em até **20 minutos**. Os sobreviventes relatam **alucinações, perda de identidade e comportamentos agressivos**. Todos os casos devem ser registrados no **Setor C de Anomalias** e o indivíduo isolado para estudo ou contenção.

🔒 **Documento confidencial – PharmaHAVEs**
Distribuição proibida fora do protocolo G.H-Red 09-A.

CONFIGENCIAL DOSSIE HELLARGS

🗂️ DOSSIÊ CLASSIFICADO – PROJETO HELLARCs

🔬 1. Origem e Criação do Gás HELLARCs

Nome do Projeto: *HELLARCs (Human Enhancement through Lethal, Latent and Aggressive Recombinant Compounds)*
Criador-Chefe: Dr. Sarau Gawa
Financiamento: PharmaHAVEs International, divisão oculta de armamento biotecnológico.

Objetivo original:
Criar um agente químico de controle populacional militarizado, que pudesse incapacitar ou eliminar grandes grupos humanos em zonas urbanas, mas com um diferencial: recuperação parcial dos corpos para fins de controle populacional (humanos zumbificados).
Composição biotécnica (resumo):
Neurovírus HLLEs-1: Desenvolvido a partir de retrovírus do HIV e rabies, modificado por CRISPR para reprogramar o cérebro humano.
Catalisador de Mutações Rápidas (CMR): Um agente mutagênico baseado em toxinas botulínicas e metais pesados (chumbo, mercúrio, cádmio).
Gasificante Bifásico LAR: Substância líquida instável que se transforma em gás ao contato com oxigênio, criando uma névoa ácida e mutagênica.
Componente Z-BR (Zumbificação Bioreativa): Enzimas reativas ao ferro do sangue humano, que atacam o sistema nervoso periférico e removem traços de personalidade, mantendo instintos básicos de caça, fome e movimento.
Resultado: O gás se mostrou capaz de transformar humanos em organismos vivos instintivos, de agressividade extrema e imunidade à dor, conhecidos como **Zumbis do Tipo Z1**.

🧪 2. Por que armazenar em botijões P-90

Motivos logísticos e estratégicos:

Alta pressão necessária: O gás requer contenção a alta pressão para manter estabilidade; o P-90 (botijão de gás industrial) suporta até 20 atmosferas.

Disfarce civil: P-90s são comuns em áreas urbanas e fábricas, camuflando o transporte do HELLARCs.

Distribuição rápida: Fácil acoplamento em drones, veículos blindados e torres de dispersão de gás.

Falha grave:

Botijões usados eram versões antigas reutilizadas clandestinamente. Fissuras internas causadas por corrosão aceleraram vazamentos em áreas de testes.

🧬 3. As Cobaias Humanas

Grupo de Testes "LIMBO"

Internamente chamado de "projeto LIMBO", utilizava:

Presidiários condenados à pena perpétua.

Moradores de rua recolhidos ilegalmente.

Vítimas de sequestros não registrados.

Procedimento:

Cobaias eram expostas por 5, 15 e 30 minutos em salas seladas. Efeitos eram documentados em tempo real por câmeras e sensores biométricos.

Taxa de transformação: **89% dos contaminados viravam Z1** em até 35 minutos.

Efeitos observados:

Olhos dilatados e sangrando.

Crescimento rápido de tecido necrosado.

Pele com bolhas, manchas e queda total de pelos.

Personalidade suprimida, exceto fome e agressão.

🏢 4. O Prédio Farmacêutico – Subsolo e Instalações

Local:

Prédio H01, fachada da *PharmaHAVEs International*, um modesto prédio farmacêutico de 3 andares, com 6 subsolos secretos (não registrados no sistema urbano).

Motivo da construção subterrânea: Evitar detecção de vazamentos químicos por satélites. Proteger documentos e cobaias em caso de invasão. Armazenar gás e conduzir testes em laboratório nivel HAVEs-4 (contenção máxima).

💥 5. O Fracasso e o Colapso do Prédio H01

Data do Incidente: 01 de novembro de 2013

Causa:

Um sistema de refrigeração falhou no Subsolo 4, elevando a temperatura ambiente para 34 °C. Isso causou:

Expansão térmica de 6 botijões P-90 contendo HELLARCs instável.

Vazamento simultâneo em uma sala de contenção com 14 cobaias.

Explosão química que rompeu a fundação.

Consequências:

Liberação do gás no sistema de ventilação

Contaminação dos andares superiores em menos de 7 minutos.

Colapso estrutural em cadeia após a combustão de derivados químicos.

37 mortos, entre funcionários e cobaias, em menos de 40 minutos.

💉 6. Última Esperança: Ampola Hz

Desenvolvida como contramedida de emergência por um grupo dissidente da própria PharmaHAVEs:

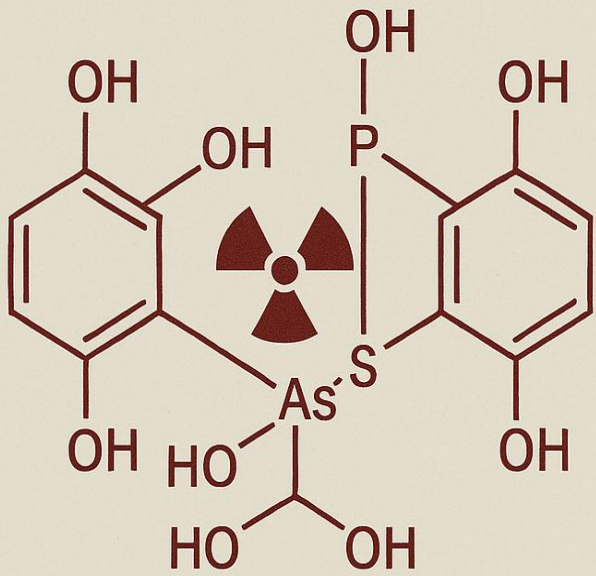
Reage em 20 segundos no organismo

Libera anticorpos nanotecnológicos que neutralizam a enzima Z-BR

Não cura a mutação, mas impede a progressão e protege de novas exposições.

EXTREMELY HAZARDOUS

HELLARCs



$C_8H_{18}AsOR(P)$ Mw: 394,18 g/mol	APPEARANCE Reddish Gas
MOLECULAR WEIGHT Mw: 394.18 g/mol	
BOILING POINT 14 °C	RADIOACTIVE

Principais Temas e Ideias:

1. **A Natureza Oculta e Letal do Projeto HELLARCs:** O cerne do dossiê gira em torno do projeto HELLARCs, um agente biotecnológico com uma dupla finalidade. Embora apresentado como controle biológico, sua intenção interna era a zumbificação parcial e controle populacional. O gás é descrito como "uma combinação de um neurovírus sintético com um catalisador mutagênico e Polônio-210".
- **Citação Relevante:** *"Criado no laboratório subterrâneo H01, o objetivo oficial era o controle biológico de pandemias. Mas internamente, era parte de um projeto de controle populacional através da zumbificação parcial dos indivíduos contaminados."*
2. **A HAVEs e a Estrutura Clandestina:** A PharmaHAVEs é retratada como uma corporação farmacêutica clandestina com uma divisão oculta de armamento biotecnológico. A instalação H01, com sua fachada modesta e vastos laboratórios subterrâneos, exemplifica a natureza secreta da operação.
- **Citação Relevante:** *"A fachada do prédio era modesta: Três andares visíveis com estrutura de clínica. Porém, abaixo do solo, existiam 6 andares subterrâneos com laboratórios de teste, centros de observação, contenção de cobaias, arsenal técnico e centros de dados."*
3. **O Acidente e o Colapso em 2013:** O ponto central do dossiê é o vazamento do gás HELLARCs em 1º de novembro de 2013, causado por uma falha no sistema de contenção. Este evento teve consequências devastadoras para a cidade rural próxima.
- **Citação Relevante:** *"Em 01 de novembro de 2013, um dos sistemas de contenção subterrâneos falhou após um superaquecimento nos compartimentos do Subsolo 4.*
- *O gás escapou para as camadas superiores. Em menos de 12 horas, atingiu a... [cidade]."*

4. **Os Efeitos Grotescos do Gás HELLARCs:** O gás causa mutações físicas e comportamentais horríveis em humanos e animais, levando a um colapso ecossistêmico total. Os sintomas variam de queda de pelos e perda de pigmentação a feridas abertas, comportamento instável e agressividade extrema (Classificado como Classe Z1).
- **Citação Relevante:** *"O primeiro sintoma: queda de pelos. Depois, a pele começava a perder pigmentação e estrutura. Em três dias, os habitantes já apresentavam feridas abertas, olhos vermelhos e comportamento instável."* e *"Animais de pequeno e grande porte foram encontrados mortos nas fazendas. Insetos desapareceram. A vegetação secou um raio de 10 km."*
5. **Os AFORTLHES:** Agentes de Contenção e Coleta de Dados: Os AFORTLHES (Agente da Força Tarefa representantes dos Laboratórios Farmacêuticos HAVEs) são soldados aprimorados, equipados com trajes protetores e máscaras assustadoras, responsáveis por conter a situação, registrar as mutações, coletar amostras e eliminar ameaças. Sua desumanização e obediência são características marcantes.
- **Citação Relevante:** *"Dr. Guesa e Dr. Gawa ativaram os AFORTLHES: Agente da Força Tarefa representantes dos Laboratórios Farmacêuticos HAVEs, soldados aprimorados com implantes respiratórios e trajes reforçados. Suas máscaras assustadoras eram projetadas para inibir resistência psicológica dos sobreviventes."*
6. **A Experimentação e a Coleta de Dados Cruciais:** A PharmaHAVEs utilizou a tragédia na cidade rural como um estudo de caso para entender e aprimorar o HELLARCs.
7. Relatos de moradores infectados e as observações dos AFORTLHES foram vitais para refinar a capacidade do gás de induzir mutações controladas.

- **Citação Relevante:** *"Esses registros foram fundamentais para compreender os efeitos neuropsicológicos do HELLARCs e aprimorar sua capacidade de induzir mutações controladas."* e *"Esse acompanhamento detalhado era essencial para que o gás fosse melhorado para futuras aplicações táticas."*

8. **A Motivação Oculta e a Expansão do Projeto:** Documentos internos revelam que o colapso no H01 não foi um mero acidente, mas em parte um teste prático deliberado do gás. O sucesso dos resultados levou à expansão do projeto HELLARCs para outras 27 cidades, com o desenvolvimento de versões aprimoradas como a Ampola Hz.
- **Citação Relevante:** *"Apesar de ser tratado como acidente, documentos internos revelam que Guesa e Gawa sabiam dos riscos. O colapso foi, em parte, um teste prático do gás em condições não controladas. A cidade rural foi uma cobaia coletiva. Nenhum morador sobreviveu."*

9. **A Traição e a Fuga de Sarau Gawa:** O dossiê detalha a complexa relação entre os Drs. Guesa e Gawa, culminando na fuga de Gawa, levando consigo dados cruciais do projeto, incluindo o protótipo da Ampola Hz e informações sobre o Projeto IRANTE. Sua fuga parece ser motivada por arrependimento e a descoberta do verdadeiro alcance do plano da PharmaHAVEs.
- **Citação Relevante:** *" Dr. Sarau Gawa desapareceu."* e *"Antes de fugir, ele enviou uma transmissão criptografada...: “O GÁS PENSA. E ESTÁ APRENDENDO.”*

10. **"O DORMENTE" e a Comunicação Neural do Gás:** A maleta de Gawa continha dados sobre "O DORMENTE", uma cobaia única que demonstrava a capacidade do gás HELLARCs de induzir sincronização neural entre os contaminados.

Isso sugere que o gás não é apenas uma toxina, mas também um meio de comunicação e reorganização biológica.

- **Citação Relevante:** *"Era uma gravação da cobaia especial: a criatura piscou em sincronia com as ondas cerebrais de outro paciente em um monitor. Sincronização neural forçada. Era como se o gás estivesse "fazendo chamadas internas" entre os contaminados. Uma rede. HELLARCs não era só veneno. Era comunicação."*

11. **A Ampola Hz:** Antídoto e Ferramenta Estratégica: A Ampola Hz é apresentada como o único antídoto para o gás HELLARCs, capaz de bloquear a ligação viral e impedir a progressão da mutação. Sua importância estratégica na fuga de Gawa e na continuidade do projeto é destacada.

- **Citação Relevante:** *"Dentro da maleta estava o protótipo do gás HELLARCs. Mas havia mais. Dois medicamentos manipulados, e uma misteriosa ampola marcada apenas com os símbolos: Hz. Era uma versão do HELLARCs. Não gasosa. Injetável. Estável. E muito mais... permanente."* e na descrição científica fictícia: *"Bloqueia a ligação do vírus aos receptores CD4 e reverte mutações no DNA... Concede imunidade permanente ao vírus..."*

  O Projeto IRANTE: A Segunda Geração do Controle: Após o incidente no H01, a PharmaHAVEs desenvolveu o Projeto IRANTE, uma segunda geração do HELLARCs, A intenção agora é contaminar, deformar e torná-los Irantes, descontrolados e perigos ao extremo. Criar Zumbis e também animais genéticos.
  Assim teriam que dar um passo a mais, e contratar um geneticista em destaque.

- **Citação Relevante:** *"A intenção agora não é apenas contaminar, mas controlar. Criar unidades biológicas operacionais... letais e obedientes."* e *"O fracasso de H01 foi... educativo. Agora, com o Gás HELLARCs,*

alcançaremos algo que ninguém imaginariam: Uma população inteira sob controle. Sem livres arbítrios. Sem revoltas. Sem dúvida. Apenas... obediência."

12. **O Encobrimento Sistemático:** A PharmaHAVEs empregou uma estratégia de encobrimento massivo para apagar todos os vestígios da cidade rural e do incidente, silenciando a mídia, adulterando registros e desacreditando testemunhas.
    - **Citação Relevante:** *"Enquanto isso, do outro lado do mundo, a PharmaHAVEs investia bilhões em silenciar repórteres, apagar vestígios digitais, subornar autoridades locais e — principalmente — desacreditar quaisquer testemunhas ou familiares de desaparecidos da cidade rural."*
13. **O Despertar da Resistência e a Luta por Dados:** A reemergência de uma transmissão criptografada de Sarau Gawa acende a fagulha para um movimento AntiPharm. A busca pela maleta e pelos dados cruciais torna-se o foco principal para aqueles que buscam expor a verdade.
    - **Citação Relevante:** *"Uma antiga transmissão criptografada, assinada por Sarau Gawa, reaparece nos canais mortos dos satélites de baixa frequência. Fragmentos dela são capturados por pequenos grupos de hackers independentes. O conteúdo da mensagem, mesmo incompleto, é suficiente para acender uma fagulha. Um movimento AntiPharm começa a emergir das sombras digitais."*
14. **A Complexidade Ética e a Desumanização:** O dossiê explora a perda da humanidade tanto nas vítimas do gás, que se tornam criaturas grotescas e violentas, quanto nos agentes da PharmaHAVEs, como Delta-07, que lutam contra a desumanização imposta pelo sistema.
    - **Citação Relevante:** *"As feições dos sobreviventes não são mais humanas.*

Um homem abriu a boca e vomitou dentes. Outro se arrastava sem pernas, falando com um rato morto como se fosse seu filho." e *"Delta sobreviveu àquilo tudo. Isso, por si só, já é um crime contra a sanidade... Não sou mais soldado. Não sou mais humano. Sou a lembrança viva do que vocês fizeram…"*

15. **O Confronto Final e a Revelação da Verdade:** O clímax do dossiê apresenta um confronto no hospital abandonado onde Sarau Gawa revela a Leiko Guesa a verdadeira motivação por trás do HELLARCs: testar a resistência biológica humana para um projeto de controle global em grande escala.

- **Citação Relevante:** *"— O gás nunca foi pra controlar comportamento. Era pra testar limites biológicos. Resistência. Dor. Variações mutantes de humanidade. Eles queriam saber até onde o corpo humano aguentava... antes de se transformar."* e *"— Escondidos. Protegidos. Em outros países. Planejando algo maior. Esperando a gente eliminar os últimos vestígios. Depois vão recomeçar. Uma nova ordem mundial. Eles não estão com pressa."*

16. **O Legado do Horror e a Busca por Sobrevivência**: O dossiê conclui com a fuga de Leiko Guesa e Sarau Gawa, levando consigo a Ampola Hz e os dados sobre o projeto. O destino do Delta-07, agora uma figura solitária e desumanizada, simboliza o legado duradouro do horror causado pelo HELLARCs.

A luta pela sobrevivência e a possibilidade de uma nova ordem global permanecem em aberto.

- **Citação Relevante:** *"O helicóptero subiu, deixando para trás um hospital marcado por traumas e monstros — e levando, dentro dele, a maleta que continha o possível fim ou salvação da espécie."* e *"Dizem que ainda anda por aí... Alguns afirmam ter visto um homem deformado, coberto de cicatrizes, observando silenciosamente vilarejos distantes..."*

Informações Críticas/Fatos Importantes:

- **Composição do HELLARCs:** Neurovírus sintético, catalisador mutagênico e Polônio-210.
- **Objetivo Interno do HELLARCs:** Controle populacional por zumbificação parcial.
- **Localização Principal:** Instalação H01, um laboratório subterrâneo de 4 andares da PharmaHAVEs.
- **Data do Incidente no H01:** 1º de novembro de 2013.
- **Causa do Vazamento:** Falha no sistema de refrigeração no Subsolo 2, levando à expansão térmica de botijões de HELLARCs instável.
- **Impacto na Cidade Rural:** Extinção total de vida (humanos, animais, vegetação) em um raio de 10 km.
- **Primeiro Sintoma em Humanos:** Queda de pelos.
- **Classe Z1:** Designação para indivíduos infectados em estágio avançado com agressividade e ataques descontrolados.
- **AFORTLHES:** Agente da Força Tarefa da HAVEs, soldados aprimorados para contenção e coleta de dados.
- **Ampola Hz:** Antídoto (injetável) para o gás HELLARCs, desenvolvida a partir das amostras colhidas.
- **Maleta de Gawa:** Continha o protótipo do HELLARCs, dois medicamentos manipulados, a Ampola Hz e o disco criptografado "O DORMENTE".
- **"O DORMENTE":** Cobaia única que demonstrava a comunicação neural induzida pelo gás.
- **Projeto IRANTE:** Segunda geração do HELLARCs, focada em torná-los Irantes.
- **Novo Campo de Testes para o IRANTE:** Refugiados, moradores de rua e crianças desaparecidas.
- **Hospital Abandonado:** Confronto entre Leiko, Gawa e Delta-07, onde Gawa revela a verdadeira natureza do projeto e a intenção de criar uma nova ordem mundial.

- **Destino da Ampola Hz e Dados:** Recuperados por Leiko Guesa após o confronto.
- **Status do Delta-07:** Desconhecido, considerado potencial ameaça.
- **Classificação do Dossiê:** Confidencial, com punição de morte por revelação.

Ameaças e Riscos:

- **Disseminação Contínua do Gás HELLARCs:** Versões aprimoradas do gás estão sendo testadas para estabilidade atmosférica e controle remoto, com o objetivo final de manipulação em zonas urbanas.
- **Projeto IRANTE em Andamento:** A PharmaHAVEs continua desenvolvendo uma nova geração do gás HELLARCs, utilizando grupos vulneráveis como cobaias.
- **A Nova Ordem Mundial:** A verdadeira motivação por trás do projeto, conforme revelado por Gawa, é a criação de uma população totalmente controlada para uma nova ordem global.
- **Sobreviventes Deformados:** Relatos sugerem que criaturas deformadas ainda vagam pela zona selada, representando um risco biológico e imprevisível.
- **Operador Delta-07**: Embora ferido, Delta-07 sobreviveu e pode se tornar uma ameaça imprevisível, possivelmente buscando vingança ou espalhando informações.
- **Encobrimento da HAVEs:** A PharmaHAVEs continua ativa no encobrimento da verdade, tornando difícil a exposição pública e a responsabilização.

DELTA
DELTA
DELTA-03
DELTA-04

Os AFORTLHES como soldados de elite criados pelos Laboratórios Farmacêuticos HAVEs, ativados após o incidente H01 em 2013, quando houve o vazamento do gás HELLARCs. Eles são agentes da Força Tarefa, aprimorados física e psicologicamente com implantes respiratórios e trajes reforçados, projetados para operar em ambientes hostis e realizar missões de alta periculosidade.

Uma das características mais marcantes dos AFORTLHES é o uso de máscaras assustadoras, cujo propósito é causar intimidação psicológica nos sobreviventes, minando sua capacidade de resistência. Isso contribui para a imagem desumanizada desses agentes, que são programados para seguir ordens sem questionamentos, cumprindo funções como contenção de ameaças, registro de mutações e coleta de amostras.

A **origem dos AFORTLHES** está profundamente ligada à escalada de experimentos militares e farmacológicos conduzidos pelos Laboratórios Farmacêuticos HAVEs, especialmente em resposta a ameaças biológicas e à liberação do gás HELLARCs.

1. Contexto de Criação

Os AFORTLHES foram concebidos como parte de um projeto militar secreto de contenção biológica, iniciado antes do Incidente H01. Com o aumento de instabilidade global e rumores sobre possíveis armas biológicas, os Laboratórios HAVEs receberam autorização para criar uma força-tarefa híbrida: meio humana, meio programada, projetada para intervir em zonas contaminadas.

2. Modificações e Equipamentos

Esses agentes foram selecionados entre soldados de elite e voluntários de programas secretos. Após a seleção, passaram por:

- **Cirurgias de implantação respiratória**, permitindo operar em ambientes tóxicos ou de baixa oxigenação.
- **Condicionamento psicológico extremo**, removendo progressivamente traços de empatia e identidade.
- **Treinamento tático e biotécnico**, tornando-os especialistas em captura de mutantes, coleta de amostras e supressão de ameaças humanas.

Uso de trajes blindados e máscaras não apenas para proteção mas também para causar terror psicológico nos civis.

3. Ativação e Emprego

Eles foram oficialmente ativados pelos **Drs. Guesa e Gawa** após o vazamento do HELLARCs em 2013. Sua missão era clara:

- **Conter a epidemia**.
- **Eliminar qualquer ameaça**, infectada ou não.
- **Registrar mutações para análise posterior**.
- **Recolher sobreviventes "úteis" ou executar os demais.**

4. Propósito Oculto

Com o tempo, surgiram indícios de que os AFORTLHES não eram apenas soldados de contenção, mas também cobaias de campo, utilizados para testar os limites da obediência humana e o efeito de fármacos experimentais no comportamento. Alguns agentes, como **Delta-07**, começaram a apresentar falhas nesse controle — sugerindo que o projeto poderia estar fora de controle.

Em resumo, os AFORTLHES são o resultado de um programa extremo de militarização da ciência, criado para operar onde humanos comuns não sobreviveriam — mas cuja própria existência ameaça romper os limites da humanidade.

AFORTLHES

Agentes da **FOR**ça **T**ática de **L**ocalização, **H**igienização, **E**liminação e **S**upressão.

Explicação de cada termo:

- **Agentes**: identifica indivíduos treinados e designados.
- **FORça Tática**: aponta a natureza militarizada, estratégica e especializada do grupo.
- **Localização**: rastrear e mapear focos de contaminação e mutações.
- **Higienização**: eufemismo usado pelo laboratório para "limpeza biológica" (eliminação de infectados ou civis problemáticos).
- **Eliminação**: neutralização direta de ameaças, humanos ou mutantes.
- **Supressão**: controle de surtos, rebeliões e informações sensíveis.

Esse nome reflete o duplo papel dos AFORTLHES: intervenção militar e controle social/científico. Além disso, reforça o caráter impessoal e impiedoso da força, que se autodenomina como instrumento de "higienização", um termo deliberadamente cruel e técnico.

DELTA-07

Delta-07 – A Face do Inominável

No confronto final no hospital abandonado, Delta-07, até então um símbolo de obediência implacável, quebrou o protocolo. Diante dos gritos de uma sobrevivente e do colapso de uma ala inteira tomada por mutações, ele retirou sua máscara pela primeira vez.

A face que surgiu não era mais humana.

Sua pele estava marcada por cortes profundos e cicatrizes cauterizadas, como se experimentos tivessem sido repetidamente feitos em sua boca e mandíbula. Dentes afiados, assimétricos, alguns claramente implantados ou moldados artificialmente, reluziam sob a luz trêmula do teto.

Seus olhos pareciam mortos, com a esclera manchada e as pupilas contraídas demais — reflexo de um trauma neurológico ou do uso contínuo de neuroinibidores.

A boca era o centro do terror: costurada em pontos no passado, agora aberta de forma irregular, como se tivessem tentado impedir que ele gritasse ou falasse, falhando.

Mas o pior estava além do físico.

Os Experimentos com o Subconsciente

Os AFORTLHES não foram apenas modificados no corpo. Durante o treinamento avançado, foram expostos a sessões de "reprogramação de identidade" usando drogas psicoativas experimentais e impulsos elétricos, enquanto eram obrigados a assistir a imagens de mortes, traumas, e gravações distorcidas de suas próprias vozes e memórias familiares.

Essa técnica, chamada nos documentos internos de “Quebra da Consciência de Base”, visava criar soldados com múltiplas camadas de personalidade, onde a identidade obediente pudesse sobrepor qualquer traço emocional.

Contudo, em alguns casos, como o de Delta-07, as camadas começaram a colapsar umas sobre as outras, liberando memórias apagadas, culpa reprimida, delírios e até visões.

Ele murmurava nomes de pessoas desconhecidas. Chorava às vezes. Ria em silêncio outras. Dizia que ouvia “a voz do gás” dentro dele, e que "os outros" estavam vindo de dentro da própria máscara, o que indica uma possível infecção psicocósmica ou esquizofrenia induzida por gás experimental.

Estado Atual e Ameaça

Após sua fuga do hospital, Delta-07 desapareceu. Gravações do seu traje indicam que ele passou a evitar áreas com alta presença de AFORTLHES, destruindo dois deles em emboscadas silenciosas. Está claro que ele não segue mais ordens, mas também não confia nos civis. Ele é uma entidade entre dois mundos — rejeitado pela humanidade e pelos laboratórios.

Um antigo relatório classifica sua nova identidade como: “Delta-07: Hostil com grau de lucidez oscilante. Capaz de reativar ou desativar protocolos internos de controle. Potencial fonte de colapso do Projeto HELLARCs. Risco total: Nível 6 – Aberração Sensível.”

Possíveis Direções Narrativas

Ele pode estar buscando vingança contra os criadores, especialmente Guesa e Gawa.

Pode carregar dados internos ocultos, como gravações ou senhas, implantados no cérebro durante os testes.

Pode desenvolver empatia por outros “alterados” ou infectados, criando um terceiro grupo entre humanos e mutantes.

Selos de Segurança:

🛑 **SELO DE SEGURANÇA ULTRASSECRETO** — Só para olhos autorizados.

🛡️ **HAVEs SECURE** — Integridade do documento garantida por criptografia biométrica.

Observações Finais:

A natureza confidencial deste dossiê exige extrema cautela na sua manipulação.

🛑 **[ACESSO RESTRITO – NÍVEL VERMELHO HAVEs]**
ARQUIVO CONFIDENCIAL – PROJETO AFORTLHES
CODINOME: DELTA-07
CLASSIFICAÇÃO ATUAL: ABERRAÇÃO SENSÍVEL
[Risco Nível 06]

IDENTIFICAÇÃO
Nome original: [REDIGIDO]
Designação tática: Operador Delta-07
Grupo de origem: 3ª Unidade Experimental – Núcleo Tático Norte
Status: DESERTOR / ATIVO (não-rastreado)
Último registro funcional: Complexo Hospitalar H01 – Zona de quarentena

---

ALTERAÇÕES BIOLÓGICAS E TECNOLÓGICAS

Modificação	Descrição
Implante Respiratório HELL-α	Permite respiração em áreas saturadas pelo gás HELLARCs. Interligado ao sistema neural.
Interface Neuronal HEARTH-3	Sujeito à estimulação auditiva contínua com comandos subconscientes. Resultados instáveis.
Reforço Maxilar-B (implantes)	Dentes alterados para rasgar tecido, implantados após dano mandibular durante os testes.
Traqueoplastia com restrição de fala	Códigos de obediência foram inseridos para impedir verborragia. Parte removida por automutilação.
Cicatrizes experimentais	47 registros de reabertura cirúrgica em tecidos sensoriais faciais. Algumas ainda infeccionadas.

RELATÓRIO PSICONEUROLÓGICO (CONFIDENCIAL)
Sintomas observados:
Disjunção de identidade
Episódios de alucinação auditiva (“voz do gás”)
Reconhecimento tardio de comando
Ressonância emocional com vítimas
(risco de empatia recuperada)
Frases recorrentes:
“O som voltou a gritar.”
“Eles estão dentro da máscara.”
“Não sou só eu aqui.”

RELATÓRIO DE INCIDENTE – H01
Data: 19/09/2014
Resumo: Após neutralizar três civis infectados, Delta-07 desativou manualmente o protocolo de obediência e removeu sua máscara em frente a uma equipe médica civil.

Em seguida, confrontou o Dr. Sarau Gawa, que revelou trechos confidenciais do Projeto HELLARCs. As câmeras registraram trechos corrompidos do diálogo. Delta-07 sobreviveu a uma explosão e foi visto pela última vez atravessando os andares inferiores do hospital.

INSTRUÇÕES ATIVAS
Nível de Alerta: CRÍTICO

Caso avistado, priorizar RASTREAMENTO, não confronto direto.

Somente unidades blindadas com inibidores psicoativos devem ser utilizadas.

Autorizado uso de força letal, exceto se delta estiver em modo de dissociação (potencial para extração de dados implantados).

ANEXO FINAL

Nota interna (Dr. Leiko Guesa):

“Delta-07 é o erro que não conseguimos enterrar. É a prova viva de que a obediência total tem um preço. Se ele recuperar a consciência por completo... pode expor tudo.” “Devemos então encerrar com os agentes e trabalhar com pessoas normais, com ideais e leais. Uma nova geração de AFORTLHES, mais humanos desta vez.”

[ARQUIVO SIGILOSO – ENCERRAMENTO DO REGISTRO: DELTA-07 e PharmaHAVEs]

🛡️ Observações Finais

A natureza altamente confidencial destes dossiês exige extrema cautela na sua manipulação. As informações aqui contidas representam uma ameaça direta à segurança das estruturas PharmaHAVEs, bem como à estabilidade global.

Delta-07 não é apenas um produto de erro técnico. Ele é um reflexo da falha moral e do alcance descontrolado da experimentação inconsequente. Sua existência compromete todo o ciclo do Projeto HELLARCs, podendo derrubar décadas de avanços obtidos sob o pretexto da contenção e da cura.

A busca por justiça e a proteção da humanidade
são primordiais.
Mas a verdade, por si só, também pode destruir.

Portanto, deve-se manter todas as atividades, registros e arquivos relacionados ao operador Delta-07 sob o mais absoluto sigilo. O nome original dos envolvidos e a designação verdadeira do prédio HAVEs 01 devem ser ocultados permanentemente dos bancos de dados acessíveis.

Para reestabelecer o sigilo operacional e garantir que tais incidentes permaneçam esquecidos e ocultados, a estrutura dos laboratórios passará a ser recontada e renomeada.

Medida de Contenção Final:

A partir deste momento, todos os registros e referências ao prédio original sob jurisdição do sistema PharmaHAVEs serão realocados e renomeados sob a nova diretriz:

“Laboratórios Farmacêuticos HAVEs 02 em diante.”

O nome HAVEs 01 não deve ser mencionado em nenhum protocolo oficial, relatório público ou interno.

Ele deixará de existir.

🛑 **Título:**

Relatório de Síntese e Primeira Ativação do Complexo Tóxico HELLARCs

Data: 14/06/2013 – 23h47

Local: Subsolo 7 – Seção de Bioengenharia e Química Avançada, Complexo HAVEs 026

Responsáveis:

- Dr. Sarau Gawa – Diretor de Pesquisa Química Avançada
- Dr. Leiko Guesa – Chefe de Bioengenharia Molecular

Descrição do Evento:

Às **23h41**, Dr. Leiko ajustou o catalisador enzimático com incremento de 0,003 mols, resultando em uma reação endotérmica estável.

Às **23h44**, Dr. Gawa completou o processo introduzindo o agente biocompatível recombinante — o verdadeiro avanço para a ativação latente do gás.

23h47: O composto estabilizou-se, emitindo o padrão espectral previamente simulado em ambiente virtual.

Nota Técnica:

O erro que levou ao vazamento inicial não foi humano, mas sim resultado de uma falha no sistema de refrigeração no Subsolo 4 que causou a expansão térmica dos botijões um microdefeito no sistema de contenção causando superaquecimento. Esse incidente foi posteriormente classificado como **Incidente H01**.

Propriedades do Gás HELLARCs:

- **Neurotoxina:** bloqueio imediato de sinapses motoras.
- **Mutagênico:** aceleração de processos de regeneração e degeneração celular.
- **Psicotrópico:** indução de estados alterados de consciência, paranoia e agressividade.

- **Latente:** permanece ativo em ambientes fechados por até 72 horas.

Ação Imediata:

1. **Ativação dos AFORTLHES:** tropas especiais equipadas com sistemas de contenção e máscaras de inibição psicológica.
2. **Ocultação de Dados:** todos os arquivos foram criptografados sob protocolo HAVEs-SHIELD nível 7.
3. **Codificação das Instalações:** os prédios do complexo foram renomeados como **Laboratórios Farmacêuticos HAVEs 02 em diante** para dissimular a origem e extensão das pesquisas.

Assinaturas Digitais Forjadas:

Dr. Sarau Gawa

[HASH: GAWA-739XK-2211-LOCKED]

🔒 Assinatura Validada

Dr. Leiko Tanaka

[HASH: LEIKO-58YZK-8932-LOCKED]

🔒 Assinatura Validada

🛡️ A informação aqui contida representa uma ameaça direta à segurança das PharmaHAVEs e global.
Deve-se manter as atividades e o nome modificado para que esses tipos de incidentes permaneçam esquecidos e ocultados.
A busca por justiça e a proteção da humanidade são primordiais.

🛑 **DOCUMENTO TÉCNICO CONFIDENCIAL**
Laboratórios PharmaHAVEs
Setor de Pesquisa Biológica e Química Avançada
Classificação: ULTRASSECRETO — NIVEL 5

Título:
Relatório de Síntese e Primeira Ativação do Complexo Tóxico HELLARCs
(High Efficiency Latent Lethal Aerosol Reagent Complex System)

Data:
14/06/2013 – 23h47

Responsáveis:
- Dr. Sarau Gawa – Diretor de Pesquisa Química Avançada
- Dr. Leiko Tanaka – Chefe de Bioengenharia Molecular

Resumo da Operação:
Este documento registra a síntese bem-sucedida do composto químico experimental codinome **HELLARCs** e sua ativação controlada no Setor BL-5. O desenvolvimento e isolamento do composto ocorreram após 11 meses de pesquisa conjunta entre os setores de Bioengenética, Armas Químicas Não Convencionais e Controle Biológico.

Composição e Síntese:
Fórmula Base:
$C_9H_6F_4N_2O_3$ + (Cluster bio-orgânico M-21) + Inibidor enzimático fosfatado = **HELLARCs**
Propriedades Principais:
- Estabilidade molecular superior a 96 horas em ambiente aberto.

- Capacidade de indução de mutação somática em organismos superiores.
- Neurotoxina inalatória com efeito latente de 3-5 minutos.
- Bioaderência em superfícies orgânicas e inorgânicas.
- Potencial de alteração comportamental e agressividade extrema em sujeitos expostos.

Descrição do Processo de Descoberta:

Durante tentativa de estabilização do agente mutagênico M-21, observou-se uma reação espontânea ao associar um inibidor enzimático fosfatado experimental. A nova cadeia resultou em um composto altamente estável e letal, denominado **HELLARCs**.

Etapas cruciais da descoberta:

1. **Síntese Molecular:**
   - Aplicação de espectrometria para acompanhamento da formação da cadeia tóxica.
   - Estabilização alcançada após 4h32min de processos em ambiente de contenção.
2. **Validação:**
   - Reação mantida sob protocolo de oxigenação controlada.
   - Confirmação de estabilidade e toxicidade em menos de 7 minutos.
3. **Registro:**
   - Sistema de segurança registrou o novo composto automaticamente.
   - Arquivo criptografado sob o código: **EXODUS-7**.

Primeiros Ensaios Biológicos:

Organismo de Teste:

Primata não-humano — código P-HAVES-001.

Procedimento:

Exposição direta à microencapsulação de HELLARCs em câmara selada.

Resultados:

- Falência respiratória em 90 segundos.
- Convulsões e alteração motora involuntária em 3 minutos.
- Início de mutação tecidual após 4 minutos: ossificação anômala e hipertrofia muscular.
- Morte clínica em 7 minutos e 12 segundos.

Observação: Decomposição incomum; células continuaram se replicando post-mortem, evidenciando reorganização tecidual.

Implicações:

1. **Aplicação potencial:**
   - Controle populacional em zonas críticas.
   - Uso militar para inibição ou mutação de forças inimigas.
   - Pesquisa biomédica para evolução forçada de espécies.
2. **Risco:**
   - Altíssimo nível de letalidade e irreversibilidade.
   - Potencial catastrófico em caso de vazamento ambiental.

Recomendações:

- Isolamento completo das amostras criadas — armazenadas no **Setor G** (criogênico).
- Restrição de acesso: apenas para membros do Protocolo HELLARCs.
- Proibir qualquer divulgação interna ou externa da natureza do composto.
- Início imediato do desenvolvimento de dispositivos de dispersão controlada (Protocolo **DELTA-CLASS**).

Anexos:

- Gráficos de estabilidade química.
- Sequência molecular final.

- Registros audiovisuais da primeira mutação.
- Códigos de autenticação e segurança: **[REDACTED]**

Observações Finais:

A descoberta e ativação do gás HELLARCs representam um marco sem precedentes na história da engenharia bioquímica. Embora o composto demonstre aplicações estratégicas valiosas, o risco associado a sua existência requer máxima cautela.

Este relatório é confidencial e sua divulgação não-autorizada implicará em ações disciplinares severas e responsabilidade criminal internacional.

🛡️ **Assinado eletronicamente:**

Dr. Sarau Gawa – Diretor de Pesquisa Química Avançada

Dr. Leiko Guesa – Chefe de Bioengenharia Molecular

[SELO: HAVEs – CLASSIFICAÇÃO ULTRASSECRETA]

🛑 **LABORATÓRIOS FARMACÊUTICOS HAVEs**
DOCUMENTO TÉCNICO CONFIDENCIAL
CLASSIFICAÇÃO: ULTRASSECRETO — NÍVEL 5
PROTOCOLO: HELLARCs-001

Título:
Relatório de Síntese e Primeira Ativação do Complexo Tóxico HELLARCs

Data: 14/06/2013 – 23h47

Local: Subsolo 6 – Seção de Bioengenharia e Química Avançada, Complexo HAVEs 026

Responsáveis:

- Dr. Sarau Gawa – Diretor de Pesquisa Química Avançada
- Dr. Leiko Guesa – Chefe de Bioengenharia Molecular

Resumo:

O gás **HELLARCs** *Human Enhancement through Lethal, Latent and Aggressive Recombinant Compounds)* foi desenvolvido como um composto de contenção biológica, capaz de neutralizar agentes vivos em áreas contaminadas. O composto apresenta coloração **vermelha intensa** devido à presença de nanopartículas de ferro oxidadas e compostos de ítrio e rutênio, utilizados para estabilizar a matriz molecular e aumentar a densidade do aerossol, tornando-o visível para operadores com equipamento de visão espectral.

Motivos da Cor Vermelha e Radioatividade:

- **Cor Vermelha:** resultado da oxidação controlada de nanopartículas de ferro, formando **óxidos férricos altamente voláteis**. Essa estrutura reflete a luz no espectro vermelho-escuro, uma assinatura visual intencional para alertar sobre a presença do gás.
- **Toxicidade Radioativa:** a inclusão de isótopos instáveis de rutênio e ítrio conferiu ao gás uma carga **radioativa beta**, suficiente para induzir quebras de DNA em organismos de pequeno e médio porte, causando **necrose celular rápida**. A radioatividade também serve como elemento esterilizante, impedindo que agentes biológicos contaminem áreas adjacentes.

Efeitos Diferenciados: Animais vs. Humanos

Em Animais e Outras Espécies:

- A maioria das espécies **não resistia** ao HELLARCs: ao inalarem ou entrarem em contato com o gás, as reações químicas causavam **desnaturação de proteínas plasmáticas**, **hemólise massiva** e **colapso sistêmico em minutos**.
- A radioatividade acelerava a **mutação aleatória** no DNA, mas as alterações eram **incompatíveis com a manutenção da vida**, resultando em **morte rápida** ou **deformações físicas grotescas**, como crescimento aberrante de membros, fusão de órgãos e necrose externa.

Em Humanos:

- Diferente dos animais, humanos apresentaram uma resistência parcial. Isso ocorreu devido à complexidade do sistema imunológico humano e à presença de certas **proteínas de reparo genético** (como p53 e RAD51) que **retardavam os efeitos mutagênicos imediatos**.

- Inicialmente, os humanos expostos não se transformavam em zumbis, mas apresentavam sintomas como:
  - Sangramento nasal e ocular.
  - Lesões dérmicas com formação de queloides e cicatrizes grotescas.
  - Degeneração muscular progressiva.
  - Estado psicótico: alucinações, paranoia e comportamento agressivo.

Por que ainda não transformava humanos em zumbis?

O vetor biológico necessário para a **"reprogramação neuroviral"** — a transformação em estados zumbis — **não estava presente** na versão inicial do HELLARCs.

Faltava o componente **"Vírus Neuroparasitário N-Zeta"**, que foi introduzido apenas posteriormente, em fases avançadas do projeto HELLARCs-03 e HELLARCs-04.

A versão inicial do gás era **altamente letal e mutagênica**, mas não conseguia induzir **necroatividade controlada** (a capacidade de manter cadáveres "ativos").

Deformidades Corporais:

- Expostos humanos que sobreviveram ao contato direto com o gás desenvolveram deformações físicas permanentes:
  - **Deformidades craniofaciais**: maxilares alongados, dentes expostos, cicatrizes profundas na região bucal.
  - **Fissuras dérmicas**: resultado da necrose parcial e falha nos processos regenerativos.
  - **Crescimento ósseo irregular**: especialmente na região costal e vertebral, causando posturas antinaturais.
  - **Alterações neurológicas severas**: impulsos violentos, perda de memória e transtornos de identidade.

Essas características foram posteriormente observadas no operador **AFORTLHES Delta-07**, que sobreviveu ao contato direto e removeu sua máscara, revelando uma face **irreconhecível** com dentes irregulares, pele cicatrizada e olhos com hemorragia subconjuntival crônica.

Por que os Animais Morriam Imediatamente?

Os animais testados — incluindo roedores, primatas e aves — **não possuíam resistência genética** suficiente para suportar:

- A carga **radioativa** do gás.
- O choque **tóxico oxidativo**.
- A **ruptura sistêmica** causada pela desnaturação rápida de proteínas e pela falência múltipla de órgãos.

Em menos de **2 minutos** após exposição, observou-se **parada cardiorrespiratória** e início de **decomposição acelerada**.

Conclusão: o gás foi considerado extremamente eficaz como arma de contenção biológica, mas ainda **incompleto** como vetor de transformação.

Próximos Passos:

1. **Desenvolver a Fase II do HELLARCs** com inserção de agentes biológicos reprogramadores.
2. **Fortalecer trajes e máscaras** para os operadores AFORTLHES, dada a insuficiência parcial das proteções contra mutações dérmicas.
3. **Reforçar o protocolo de segurança** após o **Incidente H01**, que resultou em vazamento parcial e início do surto de mutações fora do controle.

Assinaturas Digitais Forjadas:

Dr. Sarau Gawa

[HASH: GAWA-739XK-2211-LOCKED]

🔒 Assinatura Validada

Dr. Leiko Guesa
[HASH: LEIKO-58YZK-8932-LOCKED]

🔒 Assinatura Validada

🛡️ **Observações Finais:**
Este documento representa a **fundação da maior ameaça biológica já criada**.
Qualquer vazamento adicional poderá comprometer a **sobrevivência humana global**.
A recomendação é que o projeto permaneça **oculto** e que os laboratórios sejam renomeados sequencialmente de **HAVEs 02 em diante**, apagando qualquer vestígio da origem deste composto.

LABORATÓRIOS PharmaHAVEs
DOCUMENTO TÉCNICO CONFIDENCIAL
CLASSIFICAÇÃO: ULTRASSECRETO — NÍVEL 5
PROTOCOLO: HELLARCs-001

🛡️

ARQUIVO FECHADO

🔒 Data de encerramento: [REDACTED]

🔒 Autorização final: [CÓDIGO DE ACESSO ENCRIPTADO]

🔒 Distribuição: ULTRA RESTRITA (1 CÓPIA FÍSICA | 2 BACKUPS DESCONECTADOS)